

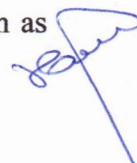


ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA

ATA DA 2ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO 5º PERÍODO DA 18ª LEGISLATURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, ESTADO DA PARAÍBA, PARA PROMOVER A DISCUSSÃO, “DEBATE E CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA”, AUTISTAS CRESCEM, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2023.

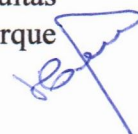
Aos vinte e seis dias do mês de abril do ano dois mil e vinte e três, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Belo Horizonte, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, secretariada pelo Vereador Marco César Souza Siqueira, 1º Secretário “Ad hoc”, e 2º Secretário. Compareceram à presente Audiência Pública, os Vereadores: David Carneiro Maia (DC), Decilânio Cândido da Silva (SOLIDARIEDADE), Francisco de Sales Mendes Junior (REPUBLICANOS/Líder do Governo), Jamerson Ferreira de Almeida Monteiro (PL), João Carlos Patrian Junior (REDE), José Italo Gomes Cândido (REPUBLICANOS), Marco César Sousa Siqueira (PSC), Maria de Fátima Medeiros de Maria Fernandes (REPUBLICANOS), Valtide Paulino Santos (PSL) e Willami Alves de Lucena (PROS), em um total de 10 (dez) Vereadores. Os Vereadores e Vereadoras: Cicera Bezerra Leite Batista (SOLIDARIEDADE), Emanuel Rodrigues de Araújo (SOLIDARIEDADE), Fernando Rodrigues Batista (AVANTE), José Gonçalves da Silva Filho (PT), Josmá Oliveira da Nóbrega (PATRIOTA), Kleber Ramon da Silva Araújo (PSL) e Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes (REPUBLICANOS) não compareceram à presente Sessão. A Senhora Presidente convidou Dr. Leônidas Dias, Secretário de Saúde do Município de Patos para fazer parte da Mesa dos trabalhos. O Mestre de Cerimônia, Célio Martinez, convidou as seguintes autoridades para fazer compor a Mesa dos trabalhos: A Deputada Estadual Francisca Motta, o Senhor Wesley Sousa, Presidente da ASPAA (Associação de Pais e Amigos dos Autistas) e o Tenente Coronel Esaú, Comandante do III Batalhão de Polícia Militar do Estado da Paraíba. Em seguida, a Senhora Presidente declarou aberta a Sessão: “Havendo número regimental, invocando a proteção de DEUS e de Nossa Senhora da Guia, Padroeira de nossa cidade, em nome do povo patoense, declaro iniciados os nossos trabalhos,” e convidou a todos para, de pé, ouvir o Hino Nacional. Logo após, com a palavra, o Mestre de Cerimônia fez o registro das presenças de: Edilene Araújo dos Santos, Professora da UNIFIP, Samíneres Xavier; Rivânia Medeiros, representando o Conselho da Criança e do Adolescente, representando a Secretaria de Educação do Município de Patos-PB; Dila Ramos, Jordânia Alves, Gerente da Atenção Especializada; Gestora do Espaço Alves; Leônidas Dias, Secretário de Saúde do Município de Patos-PB; Francivaldo Dias, Secretário de Administração; Alba Gean Palmeiras, Coordenadora UNIFIP; Marcelo, Vereador da cidade de São Mamede. Com a palavra, após cumprimentar a todos, o 1º Secretário “Ad hoc” fez a leitura do dia: “ESTADO DA PARAÍBA. CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL

LÚCIO DE SOUSA. REQUERIMENTO Nº 324/2023 - SOLICITA DA MESA DIRETORA, AGENDAR AUDIÊNCIA PÚBLICA, PARA O DIA 26 DE ABRIL DE 2023, ÀS 18H, PARA TRATAR SOBRE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). Justificativa: A presente Audiência Pública tem por finalidade proporcionar uma discussão e conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em linhas gerais, o Autismo pode ser definido como uma condição do desenvolvimento neurológico, caracterizado por uma alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. Assim sendo, por entender que é dever do Poder Legislativo, para exercer seu papel de representante do povo, promover debates e buscar fornecer informações concretas sobre temas que afetam toda a sociedade, como o que ora apresentamos, acreditamos ser essa uma importante contribuição. Nesse interim, concluímos com a certeza de contar com o apoio dos demais pares desta Casa para juntos promovermos essa importante discussão. SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS-PB. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. PATOS, 15 DE MARÇO DE 2023. VALTIDE PAULINO SANTOS-PRESIDENTE.” Com a palavra, o Mestre de Cerimônia fez o registro das presenças de: Lucinha Peixoto, autora de uma importante Lei que versa justamente sobre o tema de hoje; dos Advogados Jairo Carlos e Corsino Peixoto. Em seguida foi feita a exibição de vídeo institucional, com a fala do Dr. Enã Resende, que disse: “Quando eu vou trabalhar em algum lugar, eu pretendo que as pessoas descubram que eu sou autista quando eu já estou trabalhando, porque daí não tem como elas me subestimarem pelo meu diagnóstico. O meu nome é Enã Resende, sou médico formado pela Universidade de Cuiabá, e atualmente sou residente de neurologia. Eu queria falar um pouco acerca do autismo e de minha vida profissional. Bem, a minha vida profissional foi marcada por muitos desafios e altos e baixos. Já naquele que deveria ter sido o meu primeiro emprego, bateu a porta na minha cara. Quando me formei tinha o sonho de ir para o Exército Brasileiro e servir como médico militar, porém fui rejeitado por ser autista. Depois fui trabalhar na Atenção Básica, no que eu achei que seria a minha maior dificuldade, acabou sendo o meu maior trunfo, que foi a socialização com os pacientes. Sempre tive dificuldade de me socializar, onde procurei aprender técnicas de socialização, lendo vários livros a respeito e praticando. Tudo isso somado, acabaram em ajudando a criar uma boa relação médico-paciente. Então começaram os anos da pandemia, daí foi à loucura que vocês já sabem; aonde ir, aonde não ir, tomar, o que não tomar. Na segunda onda decidi ir lutar nessa guerra, e fui trabalhar na UTI covid. Pensei que teria dificuldade em trabalhar numa UTI, devido a correria, os barulhos dos aparelhos, entre outras coisas. Porém, mantendo o foco de ajudar àquelas pessoas e o apoio dos colegas me ajudaram a superar essas dificuldades. A dificuldade de ser autista e conseguir um lugar no mercado de trabalho é o fato de muitas vezes não ter que tentar ficar provando que eu sou capaz de exercer aquela função, porque você sabe que é capaz, mas as pessoas, seja por desconhecimento ou até mesmo por preconceito, não sabem. Então isso de ficar tentando provar, mostrando que você é capaz, acaba sendo algo bem dispendioso. Quando eu vou trabalhar em algum lugar, eu prefiro que as pessoas descubram que eu sou autista quando eu já estou trabalhando, porque daí não tem como elas me subestimarem pelo meu diagnóstico. Hoje estou em Campo Grande fazendo residência em neurologia, e espero que com a minha residência eu possa estudar mais e mais sobre o autismo, e também com a minha experiência de vida, por também ser autista, procurar ajudar a outros autistas e seus familiares. Esta é a minha mensagem. Muito obrigado.” Após a exibição do vídeo abrindo a presente Audiência, o Cerimonialista registrou também as

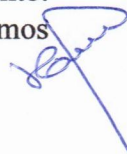


presenças da Coordenadora do CER, Rosângela Oliveira; das Psicólogas do CAPS AD: Sílvia e Socorro; da Coordenadora do CAPS II, Sandra de Lourdes e Doutora Kaliandra, a representando do Colégio Fera GEO, Edilene Medeiros; o representante da Escola Ágape, o Coordenador Douglas; as representantes do Vera Cruz, as Coordenadoras Rita Wellida e Carla Santos; Maria das Neves, Diretora da Escola Aristides; Maria Betânia, representando EQUOPATOS e o Coordenador de Comunicação do Município, Jornalista Ulisses Neto. A Senhora Presidente passou a presidência dos trabalhos para o Vereador Francisco de Sales Mendes Júnior, Vice-Presidente desta Casa Legislativa. Atendendo convite do Senhor Presidente em Exercício, fez uso da palavra a **Vereadora Valtide Paulino Santos**: “Boa noite a todos, em nome da nossa Deputada Francisca Motta saúdo a todos os demais presentes aqui na Mesa, em nome do Vereador Décio, saúdo a todos os demais, e em nome de Elisângela, saúdo a todos que estão aqui no nosso auditório. Hoje é uma noite de aprendizagem. Quando nós tivemos essa oportunidade de apresentar esse Requerimento para tentarmos aprender algo sobre o autismo, tivemos aqui o apoio de todos os vereadores presentes, que votaram, que apoiaram esta causa. Então, na noite de hoje eu me deparei com o tema que, na verdade, é todo um desafio. E quando se fala em autismo, Vereador Jamerson, vem na minha mente criança. E quando Elisângela nos procurava aqui, e nos dizia: o tema do ano dois mil e vinte três é: ‘Autistas Crescem’, e me veio à mente: é verdade, eles crescem. Nós só os vemos como crianças, então é algo novo. Há poucos anos ninguém ouvia falar na palavra autismo, mas a Associação dos Pais, a ASPAA, na cidade de Patos tornou esse nome altamente conhecido, porém, um nome que se precisa aprender muito. Como os especialistas dizem que cada caso é um caso. Então, na noite de hoje, eu estou tentando aprender o mais possível porque nessa Casa eu tenho um assessor autista, assessor esse que se sentia incapaz até mesmo de falar com qualquer pessoa, e ele está comigo há alguns anos, e eu vejo Deputada Francisca Motta o quanto ele progrediu, o quanto ele é amigo de todos que trabalham aqui e o quanto ele é capaz. Ele trabalha numa área que precisa realmente de conhecimento, muitas vezes mostra até nervosíssimo, mas não porque não sabe, mas sim porque tem aquele medo de errar. E quantas vezes ele me diz: ‘Presidente, perdão, porque eu esqueci uma vírgula’. Ele mesmo se corrige várias e várias vezes. E eu tenho esse prazer de dizer graças a Deus eu dei essa autoestima em dá oportunidade de ele trabalhar conosco. E isso é que me faz ter essa grandeza, essa felicidade de tê-lo sempre conosco. Mas, na noite de hoje, eu quero muito ouvir os especialistas. Confesso que estou até muito curiosa, Doutor, quando eu soube que o senhor viria aqui, e os demais de nossa cidade, Rosângela do CER e tantos outros aqui no dia a dia. Confesso que eu estou muito, muito curiosa e tentando aprender muito. Obrigada.” A Vereadora Valtide Paulino reassumir a presidência dos trabalhos da presente Sessão. Com a palavra, o Cerimonialista disse: “Nós gostaríamos de registrar mais uma vez, a presença da equipe do CAPS, que agora sim a gente completa. CAPS Adulto Patos, Coordenadora Sandra de Lourdes; Psicólogas, Sílvia e Socorro; Assistente Social, Sayonara; a Enfermeira Rafaela e a Médica Doutora Kaliandra. Sejam bem-vindas!” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Senhora Suzana Oliveira**, representante do Curso de Psicologia da UNIFIP: “Boa noite. É um prazer está aqui hoje com vocês. Como a Presidente da Câmara já falou, nós hoje estamos discutindo uma temática que é de suma importância pra nossa sociedade. Como representante do Curso de Psicologia da UNIFIP, eu posso afirmar que, até então, quando a gente pensava em autismo, como nossa Presidente falou, a gente tinha muito a ideia de visualizar a infância, e boa parte dos programas que a gente tem hoje e de políticas existentes tem um

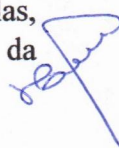
impacto, principalmente na infância, e isso é claro que é algo de suma importância e inquestionável, porque a gente sabe dos impactos, pois se as pessoas são diagnosticadas desde cedo, se elas são estimuladas desde cedo, como isso influencia no processo de desenvolvimento delas, porém, a gente não para pra se questionar: e essas crianças, quando elas crescem, será que elas precisam de algum acompanhamento? E talvez essa seja a discussão pra se começar a pensar hoje, para além dos programas que a gente tem existentes hoje, que não visam somente o atendimento desse público na infância, mas também pensando no acompanhamento desse público quando eles crescem, seja na adolescência, seja na fase adulta. É muito fácil, até a Senhora Presidente falou que a gente visualiza a infância e, a gente aqui como público maior de adultos, se eu perguntasse a vocês se criança tem algum problema, provavelmente vocês iam dizer que as crianças não enfrentam um terço dos problemas que os adultos enfrentam. Pensando nisso, a gente se pergunta, o público autista, quando eles crescem, será que eles precisam de algum acompanhamento? A gente sabe como os serviços hoje também estão bem saturados, pessoas numa lista de espera enorme pra o atendimento e acompanhamento. Então a gente tem pessoas que são diagnosticadas cedo, porém, elas não conseguem ter esse acompanhamento desde cedo também. Então são demandas de todas as áreas que a gente precisa pensar em qual tipo de suporte a gente pode propor pra essas pessoas, seja através de políticas que já existem ou seja na criação de estratégias que a gente também consiga pensar pra se adequar a essas demandas, que são pessoais de cada pessoa. E principalmente nessa criação de planos, que sejam específicos pra atender essas demandas, desde as pessoas que precisem de um suporte maior até aquelas pessoas que precisem de um suporte menor também de acompanhamento.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra Suzana Nascimento, mãe da autista, e seu filho Igor: “Boa noite.” O seu filho disse: “Eu me chamo Igor, tenho dezessete anos, sou um jovem autista. Hoje eu quero falar em nome das pessoas autistas. Pedir que sejamos respeitados em todos os nossos direitos.” A **Senhora Suzana Nascimento** disse: “Boa noite novamente, quero pedir licença a vocês, em primeiro lugar porque eu quero me dirigir e falar primeiramente para meu filho, explicar o que é que está acontecendo aqui. Então, Igor, preste atenção a mamãe, olhe pra mamãe, nós estamos aqui diante dos nossos amigos da ASPAA, nós estamos na Câmara, como você vem todos os anos, nós estamos diante das pessoas em que foi confiado um voto e que estas pessoas que estão sentadas aqui, como eu lhe disse, são os representantes do povo, são os vereadores, deputados, pessoas da saúde, pessoas da segurança, médicos, vários representantes do povo que faz a nossa cidade caminhar nas nossas necessidades, entende? Então o que eu e você estamos fazendo aqui hoje? Nós estamos exercendo a nossa cidadania, nós conversamos muito em casa, nós falamos sobre o que é certo, o que direito, o que é respeito, o que são leis, o que são os seus deveres, não é verdade? É verdade. Você é um menino muito consciente. Ele sabe tudo de política, ele sabe da maneira melhor possível. Ele olha e sabe quem é bom e quem não é. Isso é muito bom. Ele faz a leitura da pessoa, isso é genuíno, entendeu. É muito melhor do que a gente faz. O que eu expliquei, eu acho que Igor entendeu perfeitamente, não entendeu Igor?” Igor respondeu: “Eu entendi tudo.” A sua mãe prosseguiu, dizendo: “Ele entende tudo, tudo. E ele entende principalmente de respeito de igualdade. Isso ele entende mais do que ninguém. Eu acho que ele tem uma propriedade que talvez nós não a tenhamos. Agora eu vou falar pra vocês. Quando eu, Suzana, mãe, estou aqui, eu estou representando muitas mulheres, e eu trago muitas demandas. Eu trago a esperança de um ano inteirinho pra chegar nesse momento, porque



foi exatamente nesse momento que a gente estar que a gente deu o pontapé inicial pra os nossos filhos terem seus direitos assistidos. Há quatro, cinco anos, a gente veio aqui com uma dor muito grande, principalmente eu. Eu trouxe um bolo de papel, eu mostrei que a Berenice Piano veio aqui em Patos, que o Prefeito se prontificou a botar cuidador pra cada criança, e que não aconteceu no momento, demorou bastante. Mas o que é que a gente fez, nós da ASPAA, várias mães tinham as mesmas dores, a gente estava vedando os nossos filhos em casa sem aula, porque não tinha cuidador. E a gente foi a luta, fomos ao Ministério e, com muita luta, mas perseverantes, certas de nossos direitos, a gente conseguiu a gente tem a felicidade de, hoje, cada criança no município de Patos ter seu cuidador. Ele se matricula e tem o seu cuidador. Nós pais, juntos com vocês aqui, conseguimos aprovar algumas leis, a gente conseguiu acabar com o barulho dos fogos, a gente conseguiu conscientizar a cidade inteira, a gente conseguiu botar placa em cada estabelecimento, e isso ser fiscalizado, e foi através daqui. Então, hoje, eu trago mais necessidades mais dores, e talvez a maior de todas, que é a falta de assistência na saúde, porque nós temos uma fila de espera. Cada palavra que sai da minha boca ela está saindo de cada mãe que está aqui sentada, porque eu estou tentando nem olhar pra elas, porque é difícil, porque só numa roda de conversa é que a gente entende aonde dói, porque dói, o quanto dói, o quanto faz falta o direito de nossos filhos serem respeitados. Porque, se tem em caráter extraordinário condição de botar cuidador para cada criança, vai ter que ter caráter extraordinário pra botar profissionais da saúde. Vai ter que ter concurso, por quê? Porque há mães aqui, vocês acham que existe coisa mais forte de que uma preocupação de uma mãe? Não existe. É muito forte, isso move. Então, eu quero falar pra vocês aqui representantes do poder público, a quem a gente confia, em quem a gente espera e quer como parceiros, a gente acredita, a gente quer vocês caminhando junto com a gente, e eu sei que ninguém estaria aqui sem nenhuma vontade de fazer acontecer. Eu acho que todos vocês têm vontade, mas ainda falta comprometimento, não só de vocês, de todos nós, nós mães. É preciso transformar a dor em ação, porque aquilo que dói pode deixar de doer se a gente se juntar, se a gente se organizar, se a gente tomar os passos certos, fazer da maneira correta porque existem Leis e a gente tem que ir atrás. Quando eu estou falando pra vocês, mães da ASPAA, eu estou falando de comprometimento. Vamos estar mais juntas, vocês sabem como é difícil, a gente sabe que nesse tempo de pandemia muita coisa se distanciou, então a gente tem que voltar a caminhar, a gente tem que acabar com a fila de espera. Não existe, como é que uma mãe com um filho em crise, precisando de um medicamento, fica numa fila de espera, sem data prevista? Como fica o desenvolver de uma criança dessas? Não fica, isso desanda tudo, desanda toda uma família, desestrutura tudo, desestrutura o trabalho do pai, o trabalho da mãe, a escola, porque uma criança que não tem um acompanhamento médico correto, as suas terapias, ela não vai conseguir se adaptar a escola. Então é esse comprometimento. Quando a gente fala de saúde, a gente lembra de uma UPA, a gente lembra de UBS, e eu me lembro de vocês fiscalizando a UPA, a UBS. Eu vejo vídeos de vocês fiscalizando, mas ainda não vi vídeos de vocês no CAPS, não vi o vídeo de vocês no CERPOD. Ninguém fala das nossas crianças, dos nossos jovens, a saúde dos jovens especiais ninguém fala ninguém, faz um vídeo. Eu não entendo porque, porque é muita gente. E eu quero dizer a vocês que a gente está aqui, a gente vai ficar, a gente vai voltar, a gente vai insistir e a gente vai se organizar, porque se existem órgãos públicos pra fiscalizar e se vocês não fazem, a gente vai fazer. Mas eu faço o convite, vamos fazer um comprometimento, todo mundo junto. Assim como a gente tem a felicidade de ter nossos filhos com os cuidadores, vamos



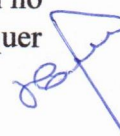
acabar com essa fila de espera, porque há como fazer, há sim como fazer. Então era isso que eu queria falar, sobre esse comprometimento, é no transformar das coisas. A gente fala muito de autismo, a gente fala do que é autismo, a gente fala do comportamento do autismo, mas só falar. Aqui mesmo é lugar pra gente pouco falar, aqui é lugar pra gente reivindicar, porque a gente tem que ter uma satisfação de vocês, não é verdade? Porque não dá pra ficar só falando, falando, e não ter reação. A gente tem que ter uma reação, e é isso que eu trago pra vocês, é essa necessidade. Queria falar um pouquinho só sobre arte e cultura, que cura também. Igor mesmo é um exemplo, o pai de Igor trabalha com artes, dá aulas, e é maravilhoso, eu vejo o trabalho, não só de Igor, como de outras crianças. Ele não dá aula pra crianças especiais, mas são inseridas crianças especiais, e elas se socializam, elas fazem amigos, porque é isso que um jovem quer. Um jovem como Igor ir a uma terapia, aonde crianças pequenas fazem terapias, já não são as necessidades deles. Os jovens já tem que ter outras formas de se trabalhar. A gente precisa inovar também. É isso. E me desculpa se eu me alonguei demais. Foi um prazer.” O Mestre de Cerimônia registrou as presenças de: Helena Wanderley, Secretária de Assistência Social; Francisco de Sousa (Zeca), do Gerente da Sexta Regional de Saúde; Edney Soares, Presidente do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência de Patos. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Senhor Wesley Sousa** - Presidente da Associação dos Pais e Amigos Autistas: “Boa noite a todos, a minha saudação a Presidente da Câmara de Vereadores de Patos Tide Eduardo, como também aos vereadores, secretários, escolas, instituições de ensino superior, conselhos municipais e toda sociedade civil presente nesta Solene Audiência, que hoje agradeço por mais um ano está aqui nesta Casa Legislativa. Eu sou Wesley Sousa, Presidente da Associação dos Autistas de Patos e Região, e hoje a ASPAA traz o tema: ‘Autistas Crescem’, como forma de chamar a atenção de toda sociedade, como também dos poderes públicos, como forma de discussão para melhorar os atendimentos, como também o suporte para a pessoa autista. Sabemos que as crianças de hoje serão as adultas de amanhã, e que estes autistas adultos precisam desse suporte, para termos autistas mais funcionais na sociedade, como forma de termos uma sociedade mais inclusiva, políticas inclusivas, como também escolas mais inclusivas que respeitem os direitos dos autistas. Também esse é o momento de ouvir de vocês o que pode ser feito, tanto para a pessoa, empresa, escola e poder público, em favor da inclusão dos autistas, principalmente dos autistas adultos. Antes de concluir, eu quero falar aqui que quando a ASPAA trouxe esse tema: ‘Autistas Crescem’, foi para chamar a atenção, mostrar que os autistas não ser vão sempre ser crianças, mas também de uma certa forma que as pessoas também adultas que se reconhecem com alguns traços e têm aquela desconfiança irem buscar um diagnóstico. Eu mesmo sou um, eu tenho traços de autista, eu estou em investigação. O pessoal que me conhece sabe. Tentei segurar a emoção pra não chorar, mas estou em investigação de TEA Adulto. O CAPS me acolheu, andei conversando com alguns profissionais e é muito importante esse suporte. Jossely sabe disso, e também outros autistas adultos em Patos que precisam desse suporte. Eu comecei a perceber alguns traços no meu filho, que até hoje eu carrego, mesmo adulto, questões sensoriais. É tanto que eu sentei lá atrás, eu disse: aqui atrás está melhor. A minha socialização ainda precisa ser trabalhada, mas eu estou conseguindo. E em nome da ASPAA, eu quero agradecer a Presidente Tide Eduardo, por mais uma vez ter aberto as portas desta Casa Legislativa aos autistas. Agradeço aos vereadores que estiveram na caminhada de conscientização do autismo, como também escolas, coordenadores e todos que estão aqui presentes. Obrigado.” Atendendo convite da



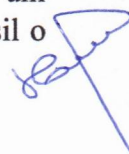
Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Doutor Ednaldo Marques**, Médico Neurologista: “Boa noite a todos. Cumprimento à Mesa, na presença da Deputada Francisca Motta e cumprimento os senhores, com meu amigo João, autista, como Elisângela colocou no perfil dele do Instagram. Bem, nunca é demais conceituar os conceitos base de autismo pra que compreendamos, seja em crianças, seja em adolescentes, seja em adultos, quais são as grandes características. Os conceitos são muito abstratos e são de compreensão complexa, ao mesmo tempo em que, se esclarecidos, funcionam muito bem. Por exemplo, o que é comunicação social? O que é linguagem? O que é fala? Fala é este ato motor e sonoro que se dá agora mesmo. Este ato motor e sonoro que eu estou fazendo neste exato momento o nome disso aqui é fala, através deste ato motor e sonoro aqui, eu estou manifestando linguagem que precede a fala. A linguagem é planejada no meu cérebro de modo a manifestar o meu pensamento, e a minha ideia, é comunicar uma ideia. Autismo é uma questão com comunicação social. O que é comunicação? Comunicação é o estabelecimento de um relacionamento entre, no mínimo, duas pessoas, e existe uma intenção do interlocutor transmitir uma ideia e causar alguma mudança naquele que escuta a mensagem que, intencionalmente, o interlocutor passa através do veículo linguístico, que é a fala. E autismo é uma questão com comunicação social, por exemplo, o que é teoria da mente? Teoria da mente é em algum grau pensar com o pensamento do outro e sentir com os sentidos do outro. Como assim? Vamos tentar compreender o que é teoria da mente. Vai durar trinta segundos, e é importante entender o que é teoria da mente, seja pra entender criança, seja pra entender adulto. Tem um experimento, que pegaram uma menininha chamada Cely, e uma menininha chamada Any, e colocaram essas menininhas lado a lado, e ambas, tinha na sua frente um cesto. Dentro do cesto de Cely tinha uma boneca e dentro do cesto de Any não tinha boneca, repetindo. Cely e Any, duas crianças, cada uma com seu cesto, Cely tinha em seu cesto uma boneca e Any não tinha boneca no seu cesto. Any sai da sala, Cely tira a boneca do próprio cesto e coloca no cesto de Any. Quando Any voltar para a sala, onde é que Any acha que a boneca está? Any acha que a boneca está no cesto de Cely. Só que as pessoas que apresentam o Transtorno do Espectro Autista acham que Any sabe que a boneca está dentro do cesto de Any, porque, afinal de contas, é onde a boneca está. Então autista tem dificuldades de sentir com o sentido do outro, ele tem dificuldade de dizer assim: ‘Anny não estava na sala, logo, não tem como Any saber o que eu sei’. Mas ele acha que o que ele sabe Any também sabe. O nome disso é teoria da mente, isso é muito forte em autismo, e isso vai traumatizando muito eles, ao longo da vida. Porque, por exemplo, ainda hoje a gente teve uma conversa em que a gente conversou sobre um menino de vinte anos, com muita vontade de ser popular e com muita vontade de ter uma namorada, como pessoas dessa idade são, e esse menino, na universidade, se achando muito popular e muito bacana, não percebeu que as pessoas riam dele, ele achava que as pessoas riam para ele; só que as pessoas não riam para ele as pessoas riam dele. Só que em algum momento esse menino percebeu que as pessoas riam dele e não para ele, porque ele é meio inadequado, ele tem um jeitão, eles, às vezes, estereotipa. Estereotipa, significa fazer umas coisas meio repetitivas. Ele, às vezes, do ponto de vista motor faz umas coisas, e o nome disso é estereotipia, comportamentos estereotipados, comportamentos motores repetitivos. Assim como, às vezes, não sabe se comunicar direito, não sabe se colocar direito, não tem teoria da mente, tem um hiper foco de interesses, às vezes. Digamos que eu tenha hiperfoco de interesse em Messi, jogar de futebol, ou em bandeira de país, ou em astronomia, ou em segunda guerra mundial, em

carro, ou seja lá em que for, e aí eu fico querendo falar sobre aquilo. Só que tem um problema, as pessoas com quem eu vou conversar não querem conversar só sobre o que eu quero conversar, essas pessoas também querem conversar sobre o que elas querem conversar. O assunto não pode ser só o meu. Só que se eu não souber, e se eu não tiver teoria da mente suficiente pra dizer assim: pera aí, eu tenho que me calar um pouquinho, entender o que a outra pessoa quer, e eu tenho que dá algo a ela, se estabelecer uma troca e se estabelecer uma comunicação social. E os interesses não podem ser só os meus interesses. E não é que eu sou egoísta, é só que eu não sei imitar, não sei simplesmente chegar a um grupo e começar a pertencer ao grupo. Como é que chega num grupo? É assim, chega e começa a imitar. É assim que nós fazemos, nós ficamos vendo como é que aquelas pessoas do grupo se portam e, pra participar do grupo, nós começamos olhar e dizer: ah, eu vou fazer assim. Só que autista não sabe imitar direito, eles têm um déficit em um determinado grupo de neurônios, e eles não imitam como as pessoas ditas neurotípicas, que esse é o jeito de dizer quem não é autista. O jeito de dizer quem é autista é atípico, e o jeito de dizer quem não é autista é neurotípico. É assim que se diz. Então, uma inadequação de comunicação social, um déficit. O que déficit? Prejuízo de comunicação social. O médico que nós vimos no início da Audiência, ele tem um jeitão de falar, não sei se deu pra perceber que ele tem um jeitão de falar, e que, às vezes, na fala dele ele balança um pouquinho, então ele ali está se regulando. O que é se regular? É estereotipia, é algo motor, é um padrão repetitivo estereotipado de comportamentos que, diante da emoção, diante da excitação, diante da maravilha de receber um presente, diante do medo, da perplexidade, acontece uma emoção e a pessoa estereotipa mais. Imagine as pessoas vendo isso, imagine os colegas de sala vendo isso, imagine quando ele era pequeno, os coleguinhas o vendo estereotipando. Imagine ele querendo falar o tempo todo sobre Messi, ou fosse lá o que fosse. Imagine o adulto que ele é fazendo essas coisas, imagine o nível de incompreensão pelo qual ele passou. Então sabe qual é a principal comorbidades de autismo adulto? TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), e pela desatenção faz umas coisas meio desatentas, faz umas coisas por vezes desastradas, e ansiedade e depressão. Os autismos nível de suporte I, o que é nível de suporte? É o nível de gravidade. Os quadros ditos como leves são ditos como nível de suporte I, os moderados, nível de suporte II, e os graves ou severos, nível de suporte III. É assim que os novos manuais chamam: nível de suporte. Lembrando que autismo é espectro, é Transtorno do Espectro Autista, tem o leve, o moderado e severo, ou seja, existe um monte de autismos dentro do autismo. Então, umas das principais comorbidades do autista adulto são ansiedade e depressão. E, mais uma vez, autismo tem uma forma muito particular, muito peculiar de ser tratada. Assim como idealmente as crianças deveriam, e eis um problema de saúde pública, e eis um problema de educação pública, idealmente o tratamento deveria ser um pra um. A operacionalização diz do ponto de vista econômico, imagine o que seja difícilima. Só que se não for para discutir custo, se não for para discutir dinheiro, idealmente, cientificamente, o tratamento deve ser um pra um. Então o que é AT, o que AT na escola? Quem lida muito com autismo, professores, profissionais de saúde, advogados e talvez os senhores próprios, vão começando a escutar alguns termos. O que é AT? Assistentes Terapêuticos, que os pais dizem: 'eu quero um AT na escola para o meu filho, porque eu quero uma pessoa tomando conta do meu filho. 'Mão, mas você quer muito, você quer um pra um'. Mas o pior é que a ciência diz isso, e as pessoas que assistirem a uma palestra, ou entrarem no Youtube, que começarem a ler, elas vão ver que idealmente é um pra um. Se do ponto de vista prático é fácil

operacionalizar isso, a discussão já é outra. Do ponto de vista econômico, eu imagino que seja difícil operacionalizar isso. Do ponto de vista científico não há dúvida, deveria ser um pra um. E para adultos é fundamental acompanhamento psicológico, porque são pessoas muito mais ansiosas e depressivas do que a população dita como neurotípica. Muito obrigado.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Jossely Oliveira**, autista, membro da Diretora da ASPAA: “Boa noite. Eu vou pular a parte do protocolo porque eu tenho muita dificuldade em lidar com isso. Boa noite a todos, cumprimento todos que estão na Casa. Eu preparei uns slides, e eu queria aproveitar enquanto se colocam os slides, acrescentando uma fala do médico sobre a questão do perfil de autismo em mulheres, que é um pouco diferente a forma de observar, justamente pela forma como homens e mulheres são educados pra ser. Se autismo transparece no comportamento, a gente observa os traços de autismo no comportamento das pessoas. Então, homens e mulheres são socialmente treinados pra se comportarem de forma diferente, então claramente o autismo vai ser percebido especialmente no nível I de suporte, que, no caso, é o meu nível de suporte, é diferente perceber os traços justamente porque a gente aprende a camuflar. Mulheres são treinadas socialmente pra sentar de um jeito, não falar palavrão, falar num certo tom, a gente é muito mais podadas, digamos assim, e isso faz com que mulheres autistas passem por debaixo do radar, especialmente o nível I de suporte, e sejam diagnosticadas com outras condições, como ansiedade e depressão, como eu fui diagnosticada por muitos anos. Quando a ansiedade e depressão, na verdade, é comorbidade do autismo. Eu vou tentar ler rápido porque são muitas informações. A discussão sobre o autismo é muito ampla, não dá pra gente discutir autismo em adultos aqui numa sessão, é impossível. Eu vou jogar algumas informações aqui, porque eu sei que tem profissionais de várias áreas, temos o poder público aqui representado também, e daí quem é da sua área vai observando, vão pensando a respeito de tudo o que a gente precisa discutir como sociedade, o que a gente pensar sobre sociedade, porque a discussão é muito longa. Então já imaginou uma sociedade que valoriza a vida das pessoas com deficiência? Autismo é uma deficiência. A gente vive numa sociedade que o valor das pessoas está no que elas são capazes de produzir, graças a um sistema que a gente vive que é o capitalismo. Se você investe na educação de criança, se lá na frente elas forem capazes de devolver algo a sociedade. Essa é a lógica do capitalismo. O Capitalismo é muito recente na história da humanidade, pessoas com deficiência existem desde sempre. Autismo é uma condição genética, autismo existe desde sempre. Com o nome autismo surgiu no século passado, mas como deficiência, como uma condição do neurodesenvolvimento existe desde sempre. Já ouvimos outros nomes, é possível que na família de alguém aqui você tenha um tio, avô, avó autista, e a gente não sabe. Aquela pessoa que fica no canto, que é meio esquisito, é bicho do mato, tem aqueles hábitos estranhos, então passa despercebido mesmo. Existem autistas idosos, pessoas sendo diagnosticadas com outras condições ao invés de autismo, mas elas sempre existiram. A gente precisa mudar essa lógica. Nós somos seres humanos, somos nós que construímos a realidade, somos nós que construímos tudo o que está à nossa volta. Somos nós que construímos as convenções sociais, aquilo que você determina como: sentar numa determinada posição, ficar em silêncio para ouvir, tudo isso é convenção social, foram organizadas socialmente por nós. A gente precisa superar a lógica de que só pessoas que produzem valem, porque pessoas valem, seres humanos valem. Eu sou cristã e nem gosto muito de falar sobre religião, porque cada uma tem a sua, mas é um princípio comum no Cristianismo e qualquer outra religião, a valorização da vida humana acima de qualquer



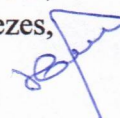
coisa, a gente precisa voltar para essa lógica. A coisa que mais me emocionou hoje à noite foi ver Igor aqui, o filho de Suzana, falando aqui, tal. Quando conversava ontem, com Suzana, ela disse: 'Eu vou levar Igor para falar'. Eu já fiquei animada. Quando ela virou para ele e disse: 'A gente está aqui fazendo nosso papel de cidadão'; autistas são cidadãos, independente do nível de suporte, eles são iguais a qualquer um. Para mim, essa cena, Igor numa tribuna falando e eu tentando entender, e vocês viram o que ele disse? Ele disse: 'Eu entendo tudo'. A gente presume muito a incompetência quando se trata de autistas, autistas II e III de suporte, porque quando se trata de autistas, nível I de suporte, muita gente questiona o diagnóstico, porque a gente fala bem, porque a gente foi para universidade, casou, teve filhos e etc. Mas invisibiliza as dificuldades. Esse aí é Stephen Hawking, ele não era autista, ele era uma pessoa extremamente inteligente, era um físico teórico, mas eu coloquei a imagem dele aí, porque vocês estão vendo a condição dele; ele não nasceu assim, ele se tornou uma pessoa com deficiência, ele desenvolveu ELA - Esclerose Lateral Amiotrófica, eu acho o nome, ele ficou assim, sem conseguir se mexer e tal. Eu não sei se vocês conhecem a história dele, mas ele desenvolveu uma máquina que lê o movimento da bochecha dele e do olho, um pouco do que ele conseguia mexer, muito pouco, e produzia a fala. A máquina tem uma voz robótica, ele conseguia se comunicar nisso, era só o movimento do olho, algum movimento de alguns músculos do rosto, a máquina lia aquilo, e produzia em fala com a voz de robô. Isso foi o ser humano que produziu. Tem muitos autistas que não desenvolvem a comunicação, tem muitos autistas, especialmente os níveis III de suporte, que deveriam, poderiam estar aqui falando por eles mesmos, mas eles não têm o acesso ao desenvolvimento de sua comunicação. A gente precisa investir nisso. Eu não me apresentei, só ouviram Joceli, mas eu sou Joceli Oliveira, aqueles são meus filhos, eu sou autista, diagnosticada tardiamente, aos 33 anos, em 2015. Sou mãe de dois Autistas, professora de língua inglesa, especialista em autismo e membro da diretoria da ASPAA. Eu vou ler umas coisas. Autismo, para mim, é isso aqui. Se eu pudesse resumir, autismo é isso, configuração cerebral diferente. O meu cérebro e o cérebro dos autistas funcionam de uma forma atípica. Eu coloquei ali duas palavrinhas, neurodiversidade e neurodivergência. É uma teoria social, que fala que cada tem um cérebro peculiar. Todo mundo tem diferença, todo mundo é neurodiverso, mas existe uma parcela da população que é neurodivergente, as diferenças são mais visíveis. É uma minoria da população, mas ela existe, e daí somos neurodivergentes. A configuração do nosso cérebro é atípica, é diferente da maioria. O Dr. Edinaldo já falou sobre os níveis de suportes, nível I exigindo apoio, nível II exigindo apoio substancial e nível III exigindo apoio muito substancial. Como vocês podem ver mesmo o nível I, que chamam de leve, mas que não é leve, de verdade não é. É leve para quem está de fora, quem está de fora, você consegue lidar comigo facilmente, porque eu converso com você, eu respondo imediatamente suas perguntas, para você isso é leve, mas eu que sou autista, o meu autismo, para mim, não é leve, porque eu tenho muitas limitações e dificuldades, e muitas vezes barreiras que são impostas pela forma como a sociedade se organiza. Então o nível I de suporte precisa de apoio, o nível II, III apoio substancial e apoio muito substancial. Eu coloquei isso aqui, porque agora eu vou ler umas coisas para vocês e vai dividir nos níveis de menos suporte e de mais suporte. Questões, problemas que autistas enfrentam: desemprego. Autistas adultos, no caso. Segundo o IBGE, 85% (oitenta e cinco) dos autistas estão desempregados no Brasil, isso é de uma matéria da revista Época Negócios. No Reino Unido, em 2020, a ONS apontou que apenas 21,7% (vinte e um vírgula sete por cento) dos autistas estavam empregados. Ensino Superior, no Brasil o



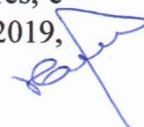
INEP, em 2016, apontou que menos de 0,05% (zero vírgula cinco por cento) dos estudantes de ensino superior possui diagnóstico de Autismo, menos de 0,05% (zero vírgula cinco por cento), e desde essa porcentagem muito pequena, 72,3% (setenta e dois vírgula três por cento) são homens, autismo em mulheres é muito subdiagnosticado; 2,4% (dois vírgula quatro por cento) da população estudantil do Reino Unido é diagnosticada com autismo, e menos de 40% (quarenta por cento) conclui o universidade. Essas pessoas são dez vezes mais propensas a desistir. Universidades, vamos pensar na forma como a gente inclui autistas que estão no ensino superior, aumentar prazos de entrega, ver a questão de trabalho em grupo, WhatsApp, essas coisas, crises sensoriais no meio da aula. Eu ouvia um autista conversando comigo esses dias, falando sobre isso. Interseccionalidade. Cultura machista tende a relativizar aspectos nas mulheres Autistas que nos homens seriam vistos como problemas, eu falei sobre isso no começo. População negra, segundo o IBGE, representa 70% (setenta por cento) do grupo abaixo da linha da pobreza, que somada a outras questões de racismo, afetam negativamente a busca pelo diagnóstico e tratamento adequado. Nos Estados Unidos, isso é um dado do CDC, porque no Brasil a gente tem poucos dados, crianças negras e latinas demoram até dois anos a mais receberem diagnósticos do que crianças brancas. Quando Tide, a Presidente chegou aqui, disse assim: 'Quando eu penso em autista, eu penso em criança', eu tenho certeza que quando você pensa numa pessoa autista, você pensa em uma criança branca, menino. Isso é muito específico, e a gente precisa superar isso, porque autismo não tem gênero, não tem raça e não tem classe. E daí a gente precisa ver como as pessoas negras estão vendo. Voltando para os dados do CDC, sabe qual é o primeiro diagnóstico que essas crianças recebem? Transtorno de conduta. Porque se olha para as crianças negras com problemas no comportamento, e você vê problema de conduta, você não vê autismo, porque elas são negras, a cor da pele dita o que você é infelizmente, e a sociedade a gente precisa superar isso. Identidade e orientação sexual, eu sei que esse tema é um tabu para muita gente, mas a gente precisa encarar a realidade, estudar, ver a ciência, o que a ciência diz a respeito e superar os tabus. Aponta-se que a identidade de gênero e a sexualidade são mais variadas entre pessoas autistas do que na população em geral, de três a seis vezes mais comuns. Autistas transam. Indivíduos autistas são 8,1 e 7,6 vezes mais propensos a se identificar como assexuais e com outra orientação sexual do que indivíduos não autistas, respectivamente. A gente precisa falar sobre isso. Ansiedade e depressão, o Doutor falou sobre isso, de 27% (vinte e sete por cento) a 47% (quarenta e sete por cento) das pessoas autistas apresentam ao menos um transtorno de ansiedade. As estimativas de prevalência variam de 10% (dez por cento) a 50% (cinquenta por cento) para depressão e, aproximadamente, 5% (cinco por cento) para transtorno bipolar, esses números são notadamente mais altos do que os relatos da população em geral, onde as taxas de prevalência e depressão e transtorno bipolar são estimados em até 7% (sete por cento), e menor do que 1% (um por cento), respectivamente. O Dr. Ednaldo falou sobre as condições coexistentes com o TDAH. Autismo nunca vem sozinho, sempre vem com outras condições. Suicídio, outro tabu. Estima-se que pessoas autistas têm de quatro a dez vezes mais chances de morrer por suicídio do que pessoas da população em geral; 66% (sessenta e seis por cento) dos autistas já pensaram ou ainda pensam em suicídio em algum momento da vida. Trinta e cinco por cento dos autistas, nível I de suporte, tentaram suicídio em algum momento da vida. Como vai a saúde mental da nossa cidade? E das pessoas que nem são diagnosticadas com autismo ou outras condições também que estão jogadas ou estão sendo encaminhadas para internação, que a gente está voltando para essa

coisa absurda, que é a internação compulsória. Aqueles dados ali têm a ver com muitos autistas que são nível I de suporte, que estão no mercado de trabalho, universidade, têm autonomia para se relacionar com outra pessoa, porque nem todos têm também. Mas olha essa frase aqui, que foi de uma conversa com uma mãe de um autista da ASPAA, ela disse assim: 'Só ficar trancado dentro de casa, porque é como eu estou vivendo hoje, prisão domiciliar'. Mãe de autista adolescente nível III de suporte. Eu tenho um autista nível III de suporte, de 13 anos, Lucy. Lucy não tem amigos, não tem muitos familiares que visita, nem que recebe ela em casa, a gente se isola muito socialmente, por causa dessas questões. Ela nem está aqui hoje, ela já esteve na Câmara, quando era menor, mas ela cresceu. Teve uma pandemia que desandou muita coisa, o serviço na cidade está muito precário, os atendimentos e tal, e ela não está se desenvolvendo como deveria. Eu recebi um amigo, na semana passada, lá em casa, Lucy teve um comportamento complicado, e ele viu como eu lidei com ela, então ele disse: 'O pior é que nessa idade não tem mais nem o que ensinar, ela não vai mais aprender mais'. Eu disse: Ela vai aprender. Ela tem condições de aprender, porque a gente aprende a vida inteira, até idoso a gente aprende, o cérebro é neuropático, só que a gente não tem acesso, Lucy não tem acesso a quantidade de terapia, a intensidade de terapia que deveria ter. Outras crianças também não têm, e daí, o tempo está passando, ela está com 13 anos e não tem acesso, ela não tem acesso. É só isso. Eu não tenho dinheiro para pagar terapia particular, porque depois do meu segundo filho eu tive que deixar o meu emprego. Eu sou professora de língua inglesa, tinha um emprego formal, era coordenadora de uma escola de idiomas, eu tive que deixar. Essa é a realidade de muitas mães. Hoje eu sobrevivo com o BPC de minha filha, as duas pensões das crianças, que é bem pouquinho, e algumas aulas particulares, que não são regulares também. É bem difícil. Essa foto é uma foto de um dia em que a ASPAA teve uma parceria com o Campestre, e pelo menos uma ou duas vezes por ano ele abre as portas do Campestre para as crianças da ASPAA. Isso Igor, você estava nesse dia. A mãe que falou aquela frase anterior, disse assim: 'Eles gostam tanto de água, eles gostam tanto de piscina'. Autistas têm sensibilidade sensorial, eles são estimulados sensorialmente por muitas coisas, e água é uma coisa muito gostosa, ainda mais em Patos. Não seria bom se a gente tivesse um espaço para essas crianças, pelo menos uma ou duas vezes por mês, frequentar, estar numa piscina, numa área de lazer. Lazer é direito também, está na Constituição. Lazer contribui com a saúde mental das pessoas, de todo mundo. Eu estou falando de autistas, mas é para todo mundo isso, e porque esse direito está sendo negado? Porque os autistas estão isolados dentro de casa, os autistas, nível III de suporte, que não conseguem estar em lugar nenhum. Essa é Nicole, que está aqui inclusive. Nicole tem 18 anos, ela é autista nível II de suporte, adora ler livros, ouvir música da Xuxa, jogos educativos no celular e assistir desenhos. Essa é Nicole, ela tem esse tom de voz, que já me disseram que eu tenho esse tom de voz, bem. Nicole é atendida no serviço público aqui em Patos, e ela está chegando em casa bem estressada, da terapia, dizendo que ela não é mais criança, que ela não quer mais fazer atividade de bebê nas terapias. Terapeutas, vamos adequar as atividades para os adolescentes e agora adultos? Nicole tem 18 anos, vamos ajustar, eles reclamam também. Já ouvi adolescentes dizendo que não quer nem mais ir para a terapia, porque é só coisa de criança. Autistas crescem minha gente. O neurodesenvolvimento às vezes é atrasado, se você comparar com o típico, mas desenvolve. Essa foi uma conversa que eu tive com a mãe de Nicole. Foi autorizada, ela falando sobre Nicole. Entrou no grupo de WhatsApp sobre a Xuxa e ler todas as conversas e ouvi todos os áudios, porque não tem amigos. Ninguém quer ser amiga dela, ninguém

liga telefona, manda mensagem, nem as primas, vizinhas, ninguém na realidade. Xuxa a salva indiretamente. Só minha mãe, que é a avó dela, que é a minha realidade também, minha mãe é a pessoa mais próxima e me ajuda muitas vezes. Essa é a nossa realidade, autista nível III de suporte. No ECA, e na Constituição também, é garantido também o direito da criança se desenvolver em comunidade, é por isso que a gente luta, e o Doutor estava falando mais cedo, na rádio, sobre as crianças estarem nas escolas. As crianças precisam ir para a escola para olhar o coleguinha escovando os dentes, usando o banheiro, fazendo a tarefinha, aprender com os outros da sua idade também. E não só isso, para os outros aprenderem a conviver com autista e pessoas neurodivergentes como um todo; a sociedade precisa aprender a conviver com essas pessoas. A gente precisa romper isso para ontem. Isso existe através do governo federal, eu tirei do site gov.br/cidadania, que está na internet, que é coisa que o governo faz, mas a gente não escuta muito falar sobre isso, Centro-Dia. Centro-Dia de Referência é uma unidade pública especializada que atende jovens e adultos com deficiência, que não tem autonomia e depende de outras pessoas. As famílias dessas pessoas também são atendidas no Centro-Dia. Senhores gestores, vamos pensar nisso, vamos construir o Centro-Dia aqui em Patos, é urgente. Nesta unidade são desenvolvidas atividades que permitam a convivência em grupos, cuidadoras pessoais, fortalecimento das relações sociais, apoio e orientação aos cuidadores familiares, acessam a outros serviços e tecnologias que proporcionam autonomia e convivência. Isso é para autistas adultos com deficiência, acima de 18 anos, é preciso continuar aprendendo a se desenvolverem. O Centro-Dia oferece atenção integral à pessoa com deficiência em situação de dependência durante o dia, é só durante o dia, e ao mesmo tempo serve de apoio às famílias e cuidadores familiares na diminuição do estresse decorrentes dos cuidados prolongados na família. É, portanto, uma alternativa coletiva de cuidados pessoais complementar aos cuidados das famílias. Isso é proposta do governo, isso existe em vários lugares do Brasil, e em toda cidade do Brasil tem autista, aqui em Patos também, então vamos avançar. Eu não tenho mentalidade provinciana, eu acho que Patos tem todo potencial para se desenvolver, vamos construir um Centro-Dia, autistas adultos precisam estar nesses lugares e suas famílias precisam de ajuda, às mães. Eu tenho um sonho, cursar psicologia. Não sei se vou conseguir. Eu não tenho dinheiro, mas também tem a dificuldade de com quem eu vou deixar os meus filhos. Eu queria cursar psicologia, mas será que a mim é negado esse sonho, porque eu preciso ficar o tempo todo com os meus filhos em casa? Vamos construir uma sociedade melhor. Eu vou listar aqui as coisas que a gente precisa para ontem: CAPS Infantil reestruturado e fortalecido para adultos autistas com mais autonomia no futuro; CAPS Infantil é a base para que a gente tenha autistas adultos com mais autonomia no futuro. Teve uma proposta, depois de a gente conversar com Leônidas, ele pensou em criar uma equipe multidisciplinar, na verdade esse é o papel do CAPS, mas não estava acontecendo, uma equipe multidisciplinar para atender autista do nível III de suporte. Formaram a equipe, criaram um plano terapêutico singular fantástico, excelente, a qualidade dos profissionais maravilhosa. Sabe qual é o problema? Eles atendem em uma sala que é $\frac{1}{6}$ (um sexto) desse espaço aqui, cinco profissionais: o educador físico, fisioterapeuta, fonoaudióloga, psicopedagoga, por meia hora, uma vez por semana, autista nível III de suporte. E me responda, serve de quê? Não serve de nada. Eu estou levando Lucy, porque eu quero criar o hábito nela, mas eu estou aqui para que isso mude o mais breve possível, viu senhor Leônidas. Precisa mudar o mais breve possível, porque o que está acontecendo é inútil, não serve de nada. Se você vai para a escola e você precisa ler um texto várias vezes,

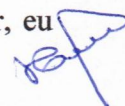


repetir o assunto algumas vezes para poder aprender, imagina autista nível III de suporte, que normalmente tem deficiência intelectual, você acha que uma vez por semana, em trinta minutos, com cinco profissionais dentro de uma sala, tem condições de aprender alguma coisa e colocar aquilo na prática? Não tem! Eu conheço minha filha, para ela fazer uma tarefa demora cinco minutos para sentar com ela, ou dez, dependendo do dia, as vezes ela nem senta. CAPS adulto fortalecido e como Centro de Referência para Diagnóstico e Acompanhamento de Autista. Eu acredito que isto já está acontecendo, não é Sandra? Começou a acontecer, eu estou sendo atendida inclusive no CAPS adulto, mas a gente espera que o diagnóstico também seja bastante acessível. Precisamos fortalecer os CAPS como centro e fortalecer os profissionais, capacitar os profissionais para diagnóstico em adultos para darmos conta da existência de tanta angústia e com mais autonomia. O que precisamos para ontem: a implantação do PEI em todas as escolas. Eu sei que está acontecendo, mas a gente precisa investir nisso, porque sem isso não há inclusão de verdade; AEE e espaços de regulação em todas as escolas. O médico estava aqui discutindo dinheiro, a gente precisa discutir vidas, pessoas, porque há alunos autistas e com outras deficiências em todas as escolas, e a escola como conhecemos não foi feita para neurodivergentes e PCD em geral, a gente precisa melhorar o ensino, transformar o ensino; Cultura, esporte e lazer, eu vi o senhor secretário de Cultura Esporte e Lazer aqui, eu coloquei com tanto gosto seu nome na lista, Secretário, por favor, olhe para a comunidade autista, de pessoas com deficiência. Esporte, cultura e lazer é um direito dessa população e faz parte do desenvolvimento da socialização. Um dos principais critérios de diagnóstico de autismo é a questão social, a comunicação social, a socialização. Cultura, lazer e esporte são os principais elementos para isso na sociedade, vamos investir nisso; Adaptações do ensino superior, porque alunos autistas e com outras deficiências tentando se adaptar e sobreviver no meio acadêmico com todas as suas forças. Imagine o mundo onde as pessoas valem mais do que coisas, um mundo mais justo e inclusivo, e junte-se a nós na sua construção. Pense como autistas, fora da caixa. Se você conviver com autista, você vai perceber que eles pensam de forma diferente. A gente pensa de forma diferente mesmo, as pessoas, às vezes, até se espantam. Eu capto alguns olhares de espantos às vezes. Vamos pensar diferente. Tempoup Grade, que é autista, ela disse assim: 'O mundo precisa de todos os tipos de mentes'. Todos, até aquele que você julga que é deficiente intelectual, não sabe de nada, você precisa daquela mente também, nós precisamos daquela mente também. Obrigada, lute junto com a gente da forma que você puder." Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o senhor Secretário de Saúde, **Dr. Leônidas Dias**: "Boa noite. Eu saúdo a Mesa em nome da mulher que eu tenho certeza que é a figura mais espetacular da cidade de Patos, a prefeita, deputada, a mãe e avó Francisca Motta. Saúdo a todos em nome desta mulher guerreira. É importante, Presidente Tide, estarmos aqui hoje para tratar do assunto que mais tira a noite de sono de quem faz serviços de saúde no mundo. Não é em Patos, não é na Paraíba, não é no Brasil, é no mundo. O quão é difícil você manter o equilíbrio, o que no Direito a gente chama de mínimo existencial dentro da reserva do possível, quando nós falamos de saúde mental, especialmente autismo. Só para termos ideias, eu trouxe alguns números para os senhores, porque quanto mais números nós trazemos, mais parece que nós estamos inertes e fazendo absolutamente nada. Mas é importante, Presidente, que a gente traga esses números aqui hoje. O CAPS infantil, cuja sua Portaria de criação 336/2002, foi criado, e lá está na sua portaria de criação, para funcionar com (09) nove servidores, e atender 150 (cento e cinquenta) pessoas por mês. O CAPS infantil de Patos, em 2019,



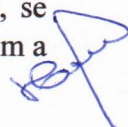
funcionava com 13 (treze) servidores, já era um pouco mais. Em 2020, caiu para os 09 (nove), e cumpria fielmente a Portaria de criação. Mas hoje, Presidente, o CAPS infantil funciona com 20 (vinte) servidores. É mais do que o dobro que a portaria estabelece. E é importante dizer que o governo federal manda para o CAPS 50% (cinquenta por cento) do salário desses 09 (nove), os outros 50% (cinquenta por cento) dos salários desses nove e os 100% (cem por cento) dos salários desses 11 (onze), que trabalham no CAPS infantil, é pago com recursos exclusivamente próprios. A manutenção desses CAPS é paga com recursos exclusivamente próprio. O CAPS infantil custa hoje R\$ 113.000,00 (cento e treze mil reais), por mês, para a Prefeitura, a gente recebe R\$ 22.000,00 (vinte e dois mil reais) dele. Mas a gente vai avançar, o CAPS adulto, cuja sua portaria de criação estabelece para ele funcionar com 12 (doze) servidores, em 2019 ele funcionava com 11 (onze) servidores, não cumpria nem a portaria. Em 2020 ele funcionava Vereador Jamerson, com 08 (oito) servidores, 60% (sessenta por cento) do que era para funcionar, e hoje ele funciona com 18 (dezoito) servidores. Nós temos 06 (seis) servidores a mais do que a Portaria estabelece, lembrando, vem R\$ 22.000,00 (vinte e dois mil reais) para pagar 50% (cinquenta por cento) de salários de 12 (doze), a gestão municipal paga os outros 50% (cinquenta por cento) do salário dos 12 (doze) e 100% (cem por cento) do salário dos outros 06 (seis). Avançando, o CAPS infantil em 2019, atendia 274 (duzentos e setenta e quatro) mensais. Em 2020, o CAPS infantil fazia 153 (cento e cinquenta e três) atendimentos mensais, e hoje o CAPS infantil faz 1.202 (um mil duzentos e dois) atendimentos mensais. Nós estamos tentando avançar, nós estamos tentando melhorar, agora essa não é uma discussão só municipal. Se nós não levarmos essa discussão a nível federal, Deputada Francisca Motta, o que acontecerá? Nós estagnaremos porque os municípios, por mais que tire todo o seu orçamento e coloque só nessa causa, não conseguirão abarcar o direito subjetivo ao mínimo existencial que as pessoas autistas detêm. Então precisamos elevar essa discussão para que todas as esferas governamentais possam realmente pensar como a Prefeitura de Patos hoje pensa, pagando mais do que o dobro do que as Portarias de criação desses serviços estabelecem Vereador Sales. Precisamos avançar. O CER, sua Portaria de criação estabelece que ele deve ter 580 horas de trabalho semanais, com pelo menos 32 (trinta e dois) servidores, e nós hoje temos 776 (setecentas e seis) horas de trabalhos semanais, porque o CER funciona 10 (dez) horas ininterruptas, de segunda a sábado; e não com 32 (trinta e dois) servidores, mas com 53 (cinquenta e três). E é importante dizer Presidente Tide, o CER recebe R\$ 53.000,00 (cinquenta e três mil reais), e nós gastamos R\$ 445.000,00 (quatrocentos e quarenta e cinco mil reais), por mês, para manter aquele serviço. Nós estamos tentando avançar. O CER, em 2019, atendia 1.720 (um mil setecentos e vinte) atendimentos mensais. Em 2020 tivemos uma queda para 1540 (um mil quinhentos e quarenta) atendimentos mensais. Em 2023, Deputada Francisca Motta, eu posso dizer com orgulho, que nós hoje conseguimos fazer 4.460 (quatro mil quatrocentos e sessenta) atendimentos mensais, é mais do que o quádruplo que nós fazíamos em 2021; e é mais de dez vezes o que era feito em 2020. Nós estamos tentando avançar, mas nós não avançaremos sozinhos, essa discussão precisa ser alargada. Eu gosto de ser repetitivo, essa discussão precisa elevar a níveis federais. Todos os níveis de gestão precisam entrar nessa discussão, e ter Patos como exemplo, ter a Prefeitura e a gestão de Patos como exemplo, porque aí nós conseguiremos avançar de verdade. E eu digo isso de coração desarmado, porque a gente pode comprovar por números. Nós não nos atemos a triplicar os atendimentos e duplicar o número de servidores dos nossos CAPS e dos nossos CER, a gestão implantou, e nós fomos pioneiros

na Paraíba, os serviços que hoje chamamos de profissionais de apoio escolar, mas que costumeiramente a gente chamava de 'cuidadores'. Em Patos hoje não existe uma criança laudada, matriculada na rede de ensino municipal que não tenha o seu profissional de apoio escolar. Mas nós não paramos por isso, Presidente Tide, não paramos aí. Para desafogar o atendimento das pessoas que realmente tinham perfil CAPS, a gestão criou três serviços: O NDI - Núcleo de Desenvolvimento Infantil, que atende as crianças matriculadas na rede de ensino municipal, que tenha algum transtorno específico de aprendizagem e TDAH, e lá hoje são atendidas 72 (setenta e duas) crianças com: fonoaudiólogos, com psicopedagogia, com neuropsicopedagogia, com assistência social, com educadores físicos e com o carinho de uma gestão que se preocupa com essa causa, Presidente. Mas nós não paramos por aí, nós criamos o NPE - Núcleo Psico nas Escolas, e lá nós temos 10 (dez) profissionais de psicologia e assistência social, tratando as necessidades psicológicas dessas crianças dentro da escola, para que nós não levemos essas crianças para um CAPS ou um CER desnecessariamente. E aí eu quero agradecer a parceria das UNIFIP, de conseguirmos trazer para Patos duas residências, a residência em psiquiatria, Vereador Sales, que nós temos dois psiquiatras preceptores, e quatro residentes em psiquiatria, fluando o atendimento em todos os nossos serviços em saúde mental. Nós temos o AMENTE, tratando os moderados, que eu não poderia sair daqui sem dizer e sem mandar um abraço carinhoso para nossa psicóloga Sílvia, e para nossa queridíssima Dra. Kaliandra, que eu queria muito que todos os profissionais de saúde mental tivessem doutora, pelo menos dez por cento do amor, carinho e a percepção que a senhora tem para com eles. E essas duas residências, não só de psiquiatria, mas também a residência multiprofissional, que trouxe: fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais para a atenção básica e para os serviços especializados, nos ajudaram a desafogar essa fila de espera no CER. Uma fila de espera que quando nós assumimos era de 1.076 (mil e setenta e seis) crianças nos serviços de saúde mental, e nós conseguimos derrubar mais de 70% (setenta por cento) dessa fila de espera. Precisamos avançar? Muito! Precisamos melhorar? Muito! Mas que melhoremos buscando a nível nacional, pelo menos, parecido com o que a gestão vem tentando parecer com recursos exclusivamente próprios. Não é fácil você receber R\$ 22.000,00 (vinte e dois mil reais) e gastar R\$ 113.000,00 (cento e treze mil reais), não é fácil você receber R\$ 53.000,00 (cinquenta e três mil reais) e gastar R\$ 445.000,00 (quatrocentos e quarenta e cinco mil reais), não é fácil você receber R\$ 3.500.000,00 (três milhões e quinhentos mil reais) e gastar R\$ 7.500.000,00 (sete milhões e quinhentos e mil reais), mas nós estamos fazendo a nossa parte, buscando melhorar a cada dia. E nessa busca de melhorias, Jocely, quando me diz: 'Estão cinco profissionais em uma sala, porque não tem espaço', imediatamente liguei para Dila, e disse: enquanto a casa do CAPS infantil, que é onde vocês merecem estar, não está pronta, nós vamos a partir do dia dois de maio, alargar o atendimento do CAPS infantil, assim como o CER. Quando nós assumimos o CER, funcionava quatro horas por dia, por conta da pandemia, depois ele foi funcionar seis horas por dia, e hoje o CER funciona dez horas por dia, de segunda à sábado. Nós vamos alargar o atendimento do CAPS infantil de dez horas por dia, ininterruptas, para que nós tenhamos espaço para pelo menos aumentar a quantidade de atendimento dessas crianças até a casa do CAPS infantil está devidamente construída. Presidente, eu peço vênica, eu sei que estou me alongando, mas é preciso que a gente diga que a gestão está tentando, diariamente, melhorar a qualidade de atendimento das pessoas que procuram o serviço de saúde mental no município de Patos. Nós estamos inclusive buscando recursos onde, eu não queria nem dizer isso aqui, mas vou ter que dizer, eu

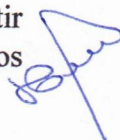


estou sendo processado porque estou retirando dinheiro de onde não pode para botar no CAPS. Mas esse processo eu recebo de coração desarmado, porque eu sei que esse dinheiro está bem empregado. E quem faz gestão pública sabe que dentro do mínimo existencial, o princípio em 1954, na Alemanha, nós temos a reserva do possível, e a reserva do possível da Prefeitura Municipal de Patos é alargada diariamente porque nós nos preocupamos com a saúde das pessoas, dos patoenses. Mas eu vou deixar o último recado, nós não estamos nem próximos do ideal. Tudo o que Suzana e Jocely aqui disseram é o mínimo que essas pessoas merecem. Mas nós vamos tentar melhorar, e nós estamos tentando melhorar, e eu tenho certeza que nós estamos melhorando. Muito obrigado, Presidente.” O Cerimonialista registrou as presenças de: Valdeci Mestre, professor de Física da UEPB e Sávio Salvador, articulador social. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da tribuna o **Senhor Célio Ramos**: “Boa noite a todos. Saúdo a Mesa especialmente na pessoa da Presidente Tide, que abraçou de imediato esta Audiência, e aos demais vereadores, que, por unanimidade, também acataram. A gente agradece imensamente. Saúdo também a Deputada Francisca Motta, representante do Legislativo Estadual. Meu nome é Célio Ramos, sou advogado, sou pai de uma criança com diagnóstico de autismo, diagnóstico esse desde 2017, pelo médico Dr. Ednaldo, que aqui esteve presente. No primeiro dia, quando Caio recebeu o diagnóstico, como eu ainda não entendia sobre autismo, naquele momento, para mim, foi um luto total, já imaginei que seria uma dificuldade de crescimento da criança, uma dependência total na vida adulta também, e eu pensei: o filho que eu sempre quis para ser médico e cuidar de outras crianças, agora precisará de cuidados. Só que foi uma mera ignorância minha parte, até porque eu não conhecia o autismo, tanto é que as características de meu filho, para mim, eram normais em uma criança, talvez porque comigo acontecia da mesma forma, tanto é que eu sou um propenso também a ser autista e TDAH. Eu conversei com Jocely há alguns dias, querendo entender meu comportamento, porque muitas vezes, Vereadora Tide, eu sou grosseiro e acabo verbalmente agredindo, mas sem intenção, depois eu acabo pedido desculpas, mas nunca é minha intenção. E eu conversando com Jocely sobre a questão do comportamento, e muitas características dela se assemelhavam às minhas. E um dado interessante que ela falou, é que a mulher é moldada na sociedade, comportalmente falando. Tanto é que eu disse a ela: o meu jeito, se a pessoa não gosta, por mim, pouco importa, eu não estou para agradar ninguém. E ela falou: ‘Já a mulher não, a mulher é moldada para agradar na sociedade’. Existe essa grande diferença para o homem. O meu jeito, como o Dr. Ednaldo até falou, é a tal da ‘Síndrome da Gabriela’, eu nasci assim, cresci assim e vou morrer assim. Só que necessariamente eu não me permito mudar, eu vou mudando de acordo com a minha própria evolução. É preciso a gente reconhecer, ainda que seja pouco pra gente, o que o Poder Legislativo, o Poder Executivo vem fazendo. O que não nos tira a legitimidade de criticar e de sugerir, de cobrar pelas melhorias. Jocely, assim como as demais mães de crianças com autismo, tem todo o direito de cobrar do CAPS, do CERPOD pela demora no atendimento, pela não condição de ser o mínimo que a criança precisaria. Meu filho, por exemplo, está na fila de espera do CERPPPOD há três anos, mas, felizmente, com dificuldade, a gente consegue pagar o plano de saúde dele, que vai atendendo o mínimo que ele precisa. Mas as outras crianças, e a maioria das pessoas aqui de Patos, não tem essas condições, infelizmente. Como eu sou de Mãe D’água, eu vou citar uma questão que muito foi falada há um ano, o Vereador Jamerson sabe também, que foi a questão do projeto que tratava de políticas públicas para autistas. Esse projeto foi arquivado, inclusive tem um vereador que é pai de uma criança

autista e votou contra. Era um projeto que se assimilava com a lei que existe aqui em Patos, uma lei que, por sinal, deve ser valorizada. Neste ano o projeto foi arquivado, e semana passada, na terça-feira, ele foi recolocado para ser discutido, tanto que o Vereador Josmá esteve presente lá também, mas o projeto não foi pautado, porque como não tinha mais outra questão a ser discutida, a assessora considerou que minha assinatura, como advogado assessor do vereador, seria ilegítima, não poderia. A própria lei da Advocacia, do Estatuto me permite assinar tanto como assessor, como advogado em qualquer documento. E por que eu cito Mãe D'água? Porque o sistema público aqui de Patos já é sobrecarregado, então pacientes de Mãe D'água e de outras cidades vão buscar os atendimentos daqui, assim como nós buscamos seja via transporte, seja via êxodo de um lugar para outro, como nós acabamos de termos que nos mudarmos para cá, para fazer as terapias mínimas que as crianças precisam. Eu quero parabenizar a ASPAA, associação de renome que vem lutando diuturnamente pelo direito dos autistas, eu parabenizo as crianças autistas também pela condição, muitas vezes pela superação, e mais ainda os pais e responsáveis por essas crianças, porque só quem sabe as dificuldades de uma criança com autismo, são os responsáveis, especialmente aqueles que são de nível de suporte II e nível de suporte III. Porque o nível de suporte I, que é considerado leve, também não é leve, como Jocely falou. O autismo não é leve, quando eu preciso levar meu filho para uma terapia, enquanto os outros levam para o futebol, não é leve enquanto eu preciso gastar com plano de saúde, fiscalizar a escola onde ele estuda, enquanto os outros ficam despreocupados porque sabem que o seu filho vai evoluir na escola e vai evoluir na sociedade. E um dos principais problemas que pais de pessoas com autismo têm na vida, é o medo de partirem sem saberem de como ficaram seus filhos. Imagine a situação de uma família que já ver a dificuldade no seio social dos seus filhos com autismo, enquanto ela tem vida, e quando essa pessoa partir, quem vai ficar com a responsabilidade de cuidar desses filhos? Eu também estava vendo um estudo sobre a prevalência de autistas, que foi até do CDC (Centro de Controle de Doenças) dos Estados Unidos, que fala sobre o autismo. É um estudo que vem desde 2004, a cada dois anos eles vem fazendo estudos. E em 2004 eram cerca de 01 (uma) criança para cada 150 (cento e cinquenta), de até 8 anos. Agora em 2023, no mês de março, é 01 (uma) criança autista para cada 36 (trinta e seis). Então, assim, a prevalência está enorme, é 2,8% (dois vírgula oito por cento) de uma população. Nesse sentido, estima-se que no Brasil quase seis milhões de criança tenham autismo. E as pessoas que hoje não têm filhos, netos, sobrinhos com autismo, é só questão de tempo. E não é questão de praguejar, são estatísticas. Então, antes que vocês recebam esse diagnóstico e busquem lutar por isso, tentem desde já procurar soluções para as pessoas que precisam, porque quando chegar a sua vez o campo vai estar mais tranquilo para você. Então eu faço aqui um apelo ao Poder Executivo, ao Secretário Leônidas também, entendendo as limitações, mas cobrar faz parte, e é isso que a população tem que fazer. Ao Poder Legislativo aqui, que tem demonstrado um certo interesse pelo assunto, que agora essas políticas sejam pautadas e colocadas em prática, porque é preciso efetivação. Solicito também, encarecidamente, a Deputada Francisca Motta, que junto ao governo do estado, também busque soluções; e especialmente também ao deputado Hugo Motta, porque como o próprio secretário falou, a demanda é grande e as condições realmente são poucas, então é preciso buscar junto do Executivo Federal, condições para que a comunidade patoense consiga suprir. Porém, a gente tem toda essa facilidade, porque nós temos uma gestão municipal que, ainda que a passos lentos, pautado, se interessado pelo tema, nós temos um Poder Legislativo que também está engajado com a



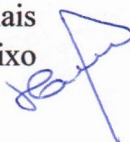
causa, eu tenho certeza que aqui quem é da oposição não vai ser opor a Projetos que deliberem sobre autismo; nós temos uma Deputada aqui, que junto do governador pode também nós ajudar, e um Deputado Federal, que junto ao Congresso, também pode nos ajudar. Então fica aqui a minha fala. Eu agradeço mais uma vez, Presidente Tide, aos demais vereadores, a presença da Deputada, e esperamos soluções para o caso. Obrigado.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Tenente Coronel Esaú**: “Boa noite a todos, senhoras e senhores. Gostaria de saudar em nome da nossa Deputada Francisca Motta, toda a Mesa. Gostaria aqui, diante de tantos rostos amigos, fazer a minha fala em dois aspectos. O primeiro deles, Vereador Italo, é me despir senhora Deputada Francisca Motta, e me permita Tenente Valquíria, Major Onassis, demais militares aqui, professora Tânia, da farda que envergo, do cargo que hoje ocupo, para me reportar aqui agora como cidadão patoense. Quanto aprendizado! Como é importante senhoras e senhores estarmos aqui trilhando um caminho, Secretário Leônidas, de buscar soluções efetivas para testemunhos. Mãe do meu amigo Igor, buscarmos soluções no sentido prático e efetivo para aquelas demandas que realmente são importantes para a cidade de Patos. E sentir orgulho, Presidente, de dizer assim: ‘sou patoense e sou assistido, porque tenho necessidades especiais’. E precisamos sim agora, neste momento, enquanto autoridade, enquanto comandante, enquanto gestor público, dar ouvidos àquelas pessoas que tem realmente essa demanda. E naquilo que me toca, enquanto comandante, abrir as portas do meu batalhão, do meu quartel, para sensibilizar a necessidade, eu conversava com o Presidente da ASPA, de abrir as portas da nossa unidade militar para ensinar efetivamente aos nossos policiais o quão é importante saber lidar com as questões de como interagir com os autistas. Eu tenho aqui o Major Onassis, que é meu subcomandante, que ao seu lado tem a professora Patrícia, que lida diariamente, diuturnamente com essas questões. E aí, Vereador Jamerson, olhar com a necessidade de gestor público e poder público, e dizer assim: precisamos tomar alguma providência, precisamos ir além sim, dentro da reserva do possível, Secretário Leônidas. Mas ir além disso, porque o abismo que existe entre o ideal e o real, Deputada Francisca Motta, é quase que intransponível, porque quando o real chega próximo do ideal, o ideal se afasta um pouco mais, porque o padrão tende a aumentar. Então é muito importante, gente, e eu me senti bastante comovido porque ouvi um relato de uma mãe, ao dizer que se sente prisioneira dentro do seu lar, porque não tem o apoio sequer de um amigo que possa acolher os seus filhos. Eu queria abrir as portas do meu batalhão para que vocês pudessem Pollyanna, você que é esposa de um policial, que possui filhos autistas, de dizer para eles: ‘aqui é o trabalho de papai, ele trabalha aqui’. De mostrar para os demais policiais, mães, que muitas vezes também possui filhos autistas, e sequer têm redução de jornadas, e muitas vezes ficam dentro da viatura, tentando resolver os problemas dos outros, quando na verdade não consegue sequer resolver os próprios problemas. Então é muito importante esse momento, eu saio daqui bastante tocado, e muitas vezes desafiado, Vereador Jamerson, a tentar fazer alguma coisa enquanto autoridade policial, sobretudo nesse momento que nos avisamos do período junino, onde as leis, que já existem, precisam ser mais fiscalizadas, e nós enquanto fiscais da lei, aplicadores dela, sentimos a extrema necessidade de educarmos as pessoas a não estarem soltando fogos de artifício. Então precisamos sim ter uma visão, senhoras e senhores, mais ampla enquanto autoridades policiais daquilo que nos investe e, acima de tudo, de ter conhecimento. Eu vim aqui não comandante, na noite de hoje, mas como cidadão, para aprender e sentir orgulho da minha cidade, da cidade que eu moro, que eu elegi há mais de quinze anos



para morar, e estar aqui e ver que existe uma associação que se preocupa, de ver que a Câmara de Vereadores, as autoridades estão inclinadas com os ouvidos, mas que muito precisa ser percorrido sim. Eu quero em nome da Polícia Militar da cidade de Patos e de toda região, dizer que as portas do Terceiro Batalhão estão sensíveis, abertas, e as portas do gabinete do comando extremamente escancaradas, Major Onassis, para receber a ASPAA, e discutimos sim, aquilo que eu posso na qualidade de comandante, de policial militar, fazer algo em prol dessa causa, que é tão importante. Então gostaria de parabenizar a ASPAA, gostaria de parabenizar cada pai, gostaria Igor, em seu nome, de prestar a minha continência, o meu respeito a você e a todos os outros. Muito obrigado.”

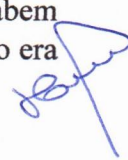
Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Senhora Rivânia Medeiros**, coordenadora do ensino de inclusão da Secretaria de Educação de Patos-PB: “Boa noite. Quero aqui justificar a ausência da Secretária de Educação, Adriana Carneiro, pois a mesma está em um congresso na UDINE. Dizer Jocely, que cada vez que venho aqui te escutar eu me emociono sempre, e aprendo cada vez mais. Faço parte do núcleo de inclusão da Secretária de Educação, e a cada dia percebo e sinto que me identifico, sempre, sempre com a inclusão. E quando vejo essas crianças aqui na Câmara tão à vontade, aí eu vejo que elas estão incluídas. Fazemos, mas precisamos fazer mais. Quando cheguei em 2020, na Secretaria de Educação, nós tínhamos 120 (cento e vinte) crianças com deficiência, matriculadas na rede, e hoje nós temos 523 (quinhentas e vinte e três) crianças com deficiência e alguns transtornos. Em 2020, quando cheguei lá, nós tínhamos 120 (cento e vinte) cuidadores, e hoje nós temos 253 (duzentos e cinquenta e três) profissionais de apoio escolar, os cuidadores. Profissionais esses que fazem muito a diferença na vida dessas crianças, ajudando na locomoção, na higienização, na alimentação, nas atividades da escola, e no mais importante, buscando dar autonomia para essas crianças. Esses profissionais passam por formações pedagógicas continuada durante o ano inteiro, porque nós precisamos sim, uma qualidade de trabalho, e que exija e que aconteça acima de tudo, a inclusão na escola. Em 2020 nós tínhamos 12 (doze) salas de atendimento educacional especializada, hoje nós temos 17 (dezessete). Dessas dezessete, duas são da educação infantil, aonde se trabalha a estimulação com as crianças da educação infantil. Avançamos, mas precisamos fazer mais. Como o Secretário Leônidas falou, uma extensão escolar, que é pioneira no município também, o NDI (Núcleo de Desenvolvimento Infantil), onde atende as crianças que tem transtorno de TDAH. Esse núcleo oferta profissionais, como: fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos, educador físico e odontólogos também. Ampliamos com o NIP, profissionais também, que é uma extensão da Secretaria de Educação, onde eles atuam de forma direta dentro das instituições escolares, psicólogos e assistentes sociais, fazendo um trabalho dentro das instituições, dando apoio as crianças e também as famílias. Além disso, temos o Centro Irmã Benigna, que é o centro de referência, que atende também as pessoas com deficiência. Lá nós ofertamos libras, braile, e atendimento especializado também. Mediante tudo o que foi escutado aqui, Lili, como eu costumo chamar, eu estava sentada ali, analisando todas as falas, como nós temos que fazer mais e mais pelas pessoas com deficiência. Precisamos sim de mais informação e menos preconceito. Precisamos de, no mínimo, amor, empatia. Eu costumo dizer muito aos profissionais, nas formações: não vejam essas pessoas como coitadinhos, o laudo, o CID não define o futuro de nenhuma criança dessas, eles têm potencial, e muito. Na construção de um relatório, a gente precisa focar muito nas habilidades dessas crianças, porque eles têm muito. Olha que lindo a fala de Igor aqui, eu me emocionei com Igor. Então na educação a gente tem avançado, mas

precisamos fazer mais. A Secretária Adriana Carneiro, assim também como o gestor municipal, não mede esforços. E ele nos cobra, e cobra muito, que a gente precisa dá o melhor e fazer o melhor, uma educação de qualidade, e que a inclusão acontece de fato. A uns dias atrás, nós tivemos uma formação sobre o plano educacional individualizado, em parceria com as meninas da ASPAA, onde Lili e Elizângela estiveram conosco, dando orientações, coordenações a todos os coordenadores da rede, porque nós temos criança suporte II, que precisa do plano educacional individualizado; como também aquelas típicas. As típicas e atípicas, porque há aquelas crianças que têm dificuldade de aprendizagem, e precisam da construção PI. Então nós estamos colocando isso em prática, porque isso sim é fazer com que a inclusão aconteça. Isso sim é fazer com que a gente forneça e oferte uma educação de qualidade. Então eu me solidarizo a todas as famílias, as mães autistas. Eu trabalho na Secretaria de Educação, o que precisarem estou lá. De vez quando, eu faço até trabalho de escuta com muitas delas, quando me procuram. Eu estou à disposição para o que vocês precisarem. Obrigada.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Decilânio Cândido da Silva**: “Boa noite a todos e a todas, em nome da minha amiga Rivânia, que acabou de sair dessa tribuna, a qual me orgulha muito estar hoje à noite nesta Casa, de estar com você naquela Secretaria de Educação, como uma das melhores funcionárias ali daquele setor. Tenho recebido muitas palavras de apoio de sua pessoa e daqueles funcionários que trabalham com você, também das mães, dos cuidadores e cuidadoras daquela Secretaria, que diz que você abraça a causa com muita alegria e com muita satisfação. Parabéns, minha amiga! Também aqui quero destacar em nome da minha amiga Rosângela, a diretora do CEA da nossa cidade de Patos, que me orgulha muito em dizer que, trabalhando de sol a sol, formei uma filha minha, que tanto contribui naquela localidade. Parabéns, Rosângela, você é uma sempre uma pessoa muito preocupada com todos os profissionais ali. A minha filha sempre me passa, as mães dos alunos, das crianças especiais sempre ligam para minha menina, agradecendo. Eu digo: minha filha, diga as mães que não precisa agradecer, você está ali para trabalhar e fazer o melhor. Até mesmo porque nosso grande Prefeito, Nabor Wanderley, paga todos os meses os seus vencimentos em dia. Então foi a profissão que você escolheu, e tenho muito a me orgulha, porque diretamente está ajudando a muitas mães, que deixam seus filhos ali, sete horas da manhã, e muitas vezes vão pegar uma hora, duas horas depois. Tenho certeza que essa semana ela está indo lá bater o ponto, por quê? Porque nosso prefeito Nabor Wanderley está ampliando cada vez a localidade de trabalho, junto com nossa diretora Rosângela. Então é motivo de muito orgulho. Sei também, minha amiga, Jossely, que passou aqui nesta tribuna, tenha certeza, que nas suas falas, eu também sentado aqui, como parlamentar desta Casa, me emocionei muito. Você está de parabéns. Tenho certeza que todas essas retificações que você fez aqui, para o futuro vão ser cumpridas. No momento não estão sendo porque não só depende do Prefeito Nabor Wanderley e nem desse grande secretário, que ali se encontra sentado, o nosso amigo Leônidas. Sempre o parabenizo por ser um grande Secretário de Saúde da cidade de Patos, muito atencioso, sempre, com todas da nossa cidade de Patos. Leônidas, meus parabéns a você e aos demais da equipe daquela Secretaria de Saúde, a nossa amiga Edileusa, que diversas vezes já falei no nome dela. E também na causa dessas crianças especiais, que jamais poderia deixar de abraçar. E também um forte abraço no nosso amigo Corsino Peixoto, que é um grande defensor, não por ter um filho especial, mas porque Corsino é um grande lutador por aqueles que mais precisam e aqueles mais humilde. Corsino é a voz do povo. Eu não sei se Corsino está aqui, mas, desde já, eu deixo



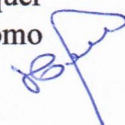
mensagem para a esposa dele, com Zazá, minha prima. Então quero dizer que tenham certeza que o Prefeito Nabor Wanderley sempre vai estar abraçando a causa dessas crianças, um prefeito muito sucinto naquilo que faz, prefeito que trabalha diuturnamente. A semana passada estava lá em Santa Gertrudes, entregando os óculos, e quantas crianças não tinham sem óculos ali, sofrendo, sem poder assistir suas aulas. O prefeito implantou esse grande programa na nossa cidade, da Secretaria de Educação, que vem tratando todos por igual. Mas sabemos que não só depende do nosso Prefeito Nabor Wanderley, mas da nossa política nacional. Sabemos que é uma causa justa, uma causa mais que necessária, vocês estão retificando aqui, a mãe do nosso amigo Igor está de parabéns. Achei muito bonita à sua fala, tenha certeza, amigo Igor que os parlamentares desta Casa vão está sempre à disposição de vocês. Quero deixar um abraço aqui para nossa a Deputada Francisca Motta, essa grande deputada, essa deputada da luta, deputada do trabalho. E não é à toa que está no seu quinto ou sexto mandato de deputada estadual, porque é merecedora do mandato por sua luta, sua dedicação a toda a nossa cidade e a Paraíba. Aqui quero deixar uma boa noite a todos, caminhando com Deus, sem esquecer de Maria. Muito obrigado a todos.”

Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Deputada Francisca Motta**: “Em nome da Presidente Tide e de todos os Vereadores que estão aqui presentes, gostaria de dizer que aqui a grande autoridade, quem realmente merece um tratamento especial é a ASPAA, a Associação de Pais e Amigos. Dizer que eu acompanho esse trabalho, através de Corsino e Elizângela. Eu tenho que citar esses nomes, porque são eles que me ligam sempre quando eu saio de uma reunião em relação a ASPAA, o Centro que nós estamos lutando para que seja aberto aqui em Patos, eles ligam de imediato para saber o resultado. Dizer que desde o ano passado, eu não tinha nem mandato de deputada, mas eu já estava lá, o Secretário era Tibério, e eu e a Secretária Helena Wanderley fomos cobrar o Centro de Atendimento aos Autistas. Fomos cobrar, e cobrarmos com tanta força, fomos a segunda vez, e hoje eu tenho a alegria de dizer que o orçamento já existe, já está implantado, que o projeto eu já tenho, e leio muito, para entender o que vocês estão pedindo e tenho certeza que com abertura desse centro, que só existe em João Pessoa e em Campina Grande, vocês irão ter realmente um atendimento muito importante para os seus filhos, para a sua família. A fala de Igor aqui e da sua mãe, Suzana, eu acho que ela passou para todos nós o que realmente representa a ASPAA, a Associação de Pais e Amigos dos Autistas, que eu acompanho, e acompanho muito. Dizer que para a alegria minha, hoje já estive aqui a comissão técnica da Secretaria para alugar a casa, que já foi escolhida para instalação do centro de atendimento, e vai ser breve, até porque quando existe orçamento, caminha tudo muito rápido. E nós estamos cobrando muito, já fomos duas vezes com a Secretária Pollyanna, ela nos atendeu muito bem, e essa comissão chegou hoje, para alugar a casa, e que, graças a Deus, foi aprovada. Fica aqui no Bairro da Brasília, e para que seja aprovada, precisa ter uma avaliação técnica, que eles venham aqui, se essa casa irá cobrir realmente as necessidades, o atendimento, que vocês sabem que são muitas profissões que irão funcionar nesse centro. E nós iremos ficar igual a Campina Grande e João Pessoa, porque quando eu fiz um discurso, na tribuna da Assembleia, eu disse: Patos são 24 regionais, são 24 cidades da região de Patos, nós precisamos que esse centro exista, para que exista dignidade para essas famílias. E eu tenho certeza que nós iremos ter em breve, esse centro de atendimento ao autista. Não irá demorar não, já que nós temos o orçamento, temos a casa, então eu acho que agora é só uma questão de procedimento burocrático. E eu tenho certeza absoluta, e vocês sabem que eu sou boa de cobrar, sou muito boa de cobrar, já fui duas vezes, quando eu não era



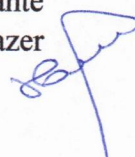
deputada, fui duas vezes agora como deputada, já fiz discursos na tribuna da Assembleia, e iria ficar continuando a cobrar. Podem acreditar que o mandato que eu tenho não vai ser um mandato indiferente, eu irei cobrar, cobrar muito, porque o que vocês estão reivindicando realmente precisa que existam pessoas comprometidas com essa causa tão justa. Muito obrigada.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Jamerson Ferreira**: “Muito boa noite a todos. Saudar a cada pai, a cada mãe, a cada autista aqui presente, saudar a Deputada Francisca Motta, todos que compõem a Mesa. Eu dividirei a minha fala professora Edilene, tia Edilene, em dois aspectos, o primeiro como político, e, o segundo, como alguém, Secretário Leônidas, que é pai de autista. Primeiro, dizer que aqui, senhores e senhoras, é a Casa do debate, ex-Vereadora Lucinha, que por aqui está. Aqui é a Casa da sociedade apresentar as suas agruras e procurar junto ao poder público, soluções. A Jocely falou a respeito das suas agruras e das dificuldades. Já saímos hoje com o comprometimento do Secretário Leônidas, e com a excelente notícia trazida pela deputada Francisca Motta. Eu fui pesquisar quando assumi o cargo que o povo de Patos nós entregou, nos nomeou, a gente tem uma procuração aqui, cada vereador, de quatro anos para defender a população, a legislação vigente na cidade de Patos. Patos é uma das cidades mais avançadas da Paraíba na legislação. Eu fui procurar a lei, onde a então Vereadora Lucinha apresentou o que há de mais moderno. Para você ter ideia, eu fui procurar um projeto de Porto Alegre, e era o mesmo de Patos, adequando as nossas realidades, as nossas potencialidades. Então as leis na Casa das leis, elas são bem discutidas. Patos é avançada, a gente, às vezes, reclama muito de Patos, caros amigos, mais vamos comparar. Einstein já dizia que quando você compara a relatividade, a diferença aparece. Tem cidades que estão muito atrasadas na questão do autismo, na questão da tratativa. Nós temos cobrança, porque nosso patamar aumentou Comandante Esaú. As pessoas estão cobrando, e aqui o secretário trouxe número, Jocely as agruras, então nós estamos avançando. E eu ouvia atentamente a Dona Suzana a cobrar, a dizer a sua realidade, a florar aqui, ao lado do Igor, o seu sentimento. E eu tomei muito para mim, quando a senhora disse: ‘façam vídeos sobre a realidade’. Eu olhei no fundo dos olhos da senhora, a senhora há de concordar, e eu tomei aquilo ali para mim. Ir ao CAPS, saber do secretário, saber do prefeito. Essa nomenclatura, Francisca Motta, vereador de oposição, é meramente questão de divisão de formação de chapa política. Eu não me oponho quando o prefeito aumentar. Eu venho aqui, hoje, é para dizer que a senhora, enquanto deputada, está representando muito bem, cada pai e cada mãe. E eu torço pelo sucesso pela empreitada da senhora, porque é uma empreitada desses pais, dessas mães. Então não há oposição quando o prefeito trabalha. Há miúdes, há pequenez quando alguém fala só por falar. Eu ano estarei aqui, no exercício desse mandato, diminuindo o debate, trazendo a ralé. Eu venho aqui, cobro, faço as cobranças, por muito o prefeito escuta, e a gente volta para referenciar. Então temos aqui algumas demandas a curto, médio e longo prazo, com a maior propriedade nas falas da Jocely, as demandas que nós temos. E aí uma demanda, uma causa que não tem que ser só municipal, que cada vereador, que tem uma parcelinha aqui também, possa destinar algo de emendas impositivas. Cada vereador aqui tem uma parcelinha de oitenta mil reais, por ano, e a gente se compromete a sentar com a ASPAA. Primeiro, pedir ao prefeito que pague, tem muito emenda, inclusive emenda nossa da ASPAA, que não foi paga. Então pedir ao prefeito que respeito, pague as emendas da ASPA, da equoterapia. O pessoal da equoterapia está por aí. Sem política, respeitosa, eu já conversava com o Prefeito Nabor Wanderley, porque impondo pela lei, ele tem até primeiro de julho para pagar. Eu

acredito sinceramente na palavra do senhor prefeito, respeitosamente. Então que a gente apresente mais emendas, que cada vereador aqui, que é muito pouco a questão do orçamento deputada, mas que cada vereador aqui possa se comprometer em talvez aumentar o contrato, aumentar o aspecto do atendimento. Então a cidade de Patos caminha em uma discussão, nós temos aqui uma associação, e aqui eu não deixo de reconhecer, eu me contemplei demais quando Décio, por primeiro falou nas figuras de Corsino e de Elizângela. Corsino dar voz diariamente, aos fins da tarde, a classe autista, ele puxa como advogado, a discussão, como quem é pai e está ali sendo voz e sendo a operacionalidade do direito. Então essa é minha fala enquanto político, dizer que estamos abertos. Recebo a crítica que a gente deve fazer mais iniciativas de cobrança, está mais presente, mas desde o início, eu e o Vereador Italo estamos sempre presentes nessa causa da ASPA, desde o primeiro dia que aqui assumimos. Estamos sempre abertos a críticas. Essa é minha fala como político. E me permitam três minutos falar agora como pai de autista. Quando Ryan, que hoje que tem 16 anos, que não pode vim porque a mãe está cuidando do Ravi, e passou o dia com uma virose. Tentei convidar, ele disse: 'não, eu não vou não, que ali é chato'. Ele já veio para Câmara, e ele disse que aqui era chato, não queria. 'Aquele povo só fica falando da vida dos outros', porque ele veio para cá, para uma sessão, aí pegou aquela sessão que a gente tem uns debates, uns arranques um com o outro aqui, tudo respeitosamente. Ele disse: 'eu vou não, ali vocês só falam da vida do povo'. Eu disse: não, meu filho, é para tratar de outra coisa. Mas ele não quis vir, e estar em casa agora, assistindo com a mãe, que me falava agora ao celular. E Professor Maestro Saraiva, a vida nos deu Ryan, e eu copio, pego para mim, uma fala de Jô Soares, quando ele dizia que Ryan pode ser diferente, mas eu não queria nenhum filho diferente de Ryan. O nascimento de Ryan, a condição de Ryan, é para que a gente aprenda, é para que a gente tenha uma missão. Cada pai aqui vai ter uma história. Eu me sensibilizava com o exemplo da Jocely, como tu és forte, como tu das a lição a uma geração nova, que qualquer coisa que: 'meu mundo vai acabar'. Por quê? 'Porque a minha bateria do celular não está prestando'. 'Meu mundo vai acabar'. Por quê? 'Porque meu celular está ruim'. E ela tem uma condição que busca, que enfrenta, que é mãe. Além de ter a sua condição, que invejável o seu preparo, o seu conhecimento, a gente nota que é alguém que tem estudo, que é alguém que tem preparo, que tem o dom de falar. Aí a gente começa: 'autistas crescem'. Nós queremos, e é o que cada pai e cada mãe, do fundo do coração, quer, é que os nossos filhos tenham uma condição diferente, e que os outros que venham meus amigos, tenham também. Eu vou citar o nome da escola, eu tirei o meu filho da Escola Gente Inocente, porque a escola não tinha preparo, porque a coordenadora chamou o meu filho de doido, Raquel. Eu digo o nome dela porque já disse. Ela o chamou de doido, o destratou dentro do ônibus. Cada um aqui tem uma história de desafio. Aí vem a lei da inclusão plena. Na verdade, os poderes públicos só estão com toda essa questão porque tem uma lei, porque se não fosse lei, esperar que, sinceramente, político cumprisse tudo, só cumpre porque é lei. Aí é lei, vem o orçamento lá de cima, aparece dinheiro de onde não tem. Aí a gente, Deputada, convive diariamente com as pessoas subjugando as condições dos nossos filhos. hoje em dia a gente vai criando experiência, o que no começo era aquele choro, aquela dúvida, ele vai se transformando em força para a gente enfrentar. Já cansei de chorar, não cansei, já passei essa fase de olhar no Google. Hoje em dia a gente, está com 'dor do lado direito é vesícula', é vesícula! Não, é lado esquerdo, é apêndice! A gente olha para o Google e quer diagnóstico e quer lê, quer lê, quer lê e quer lê! E a gente fica meio angustiado, e depois vai passando aquelas fases. Falo aqui como



pai, e hoje em dia a gente tira muita coisa de letra. Certa feita, eu estava num supermercado: 'esse menino é diferente?'. Eu disse: é diferente, tem três mãos. Meu menino tem três mãos. 'Ah, ele é especial'? é. Qual a criança, Vereadora Fatinha, que não é especial? Toda criança é especial. Tem alguém aqui igual? Até gêmeos não são iguais, há pensamentos, questões cognitivas diferenciadas, os dedos são diferenciados. Não há ninguém igual, por isso que eu não permito que ninguém diga que meu filho é diferente. Graças a Deus! Porque todo mundo aqui é diferente. Então, que a gente possa respeitar as diferenças. Não são só autistas, como bem disse a Jocely, são negros, são homossexuais, são pessoas de orientação sexual, social, que são destratadas por uma sociedade. Então eu fico muito feliz quando a gente avança. O mau trato, o destrato que eu tive com o meu filho, que a gente superou com a esposa, eu não sei quem era que chorava mais, se era eu ou se era minha esposa, a gente passou dessas fases. A gente agora está naquela fase de: 'e agora, e o que Rian quer ser?'. E há uma instabilidade, toda hora ele com uma curiosidade, ele muda a rotina, uma hora quer uma coisa, outra hora quer outra, há uma inquietude. Mas são tantas as fases que nós passamos, as fases da dúvida, do preconceito. Preconceito, Professora Magalhães, que está por aqui, dentro de casa, de parente não aceitar. 'Tem alguma coisa com esse menino? Que danado tem esse menino? Esse menino é diferente? Esse menino é coisado!'. É. Eu já ouvi muito isso: 'esse menino é coisadinho'. E a gente explicar. E hoje, depois eu tenho o caso do Ives. O Ives, para quem não sabe, é meu primo, é um dos níveis de autismo mais pesados que tem aqui na cidade de Patos. A Edivânia, que é a mãe dele, precisou colocar uns pesos nos braços dele. Ela tem uma luta enorme. Aí toda vez que a gente tinha alguma dificuldade, eu dizia: 'Ryane, e Edivânia?'. Aí nos dava força: não! E a gente vai superando. Então a gente sai daqui hoje, e eu notei, Senhora Presidente, vou terminar agora, que é uma das audiências que menos pessoas estão saindo. Não estou vendo ninguém. Ninguém está aqui incomodado com as crianças, porque elas são naturais. Eu até disse a menina: deixe a portinha aberta, deixe elas aqui. A gente chama o povo para a Casa do Povo, e quando o povo chega a gente fecha a porta. Deixe à vontade. Então que a gente possa na noite de hoje, trocar essas experiências. É uma audiência que tem o lado das cobranças, tem o lado da questão dos encaminhamentos junto ao poder público, tem o lado legislador, mas o principal, educadores, educadoras, mães, pais, é a lição que a gente tira na noite de hoje. Eu duvido que alguém aqui não derramou alguma lágrima, que alguém aqui não se emocionou, que alguém aqui não disse: 'essa história é a minha'. Eu poderia esticar até um pouquinho mais o meu testemunho, dizer por outras coisas que passei, por erros que eu já tive. Também já errei enquanto pai, numa questão dos fogos que teve perto da minha casa, os vizinhos todos me apontando de um erro que eu não fiz, coisa que eu não fiz. Mas depois entenderam porque teve mais uma criança na rua. A pessoa que mais criticou porque eu fui falar da questão dos fogos, hoje tem um filho autista. Mas a vida, o bom dela é aprender. Então, muito obrigado pela vinda de vocês. Eu gostaria de encorajar, assim como Corsino, como Elisângela, como Jocely, como dona Susana, como Igor, como tantos pais, eu ainda conheço muitos pais de autistas que estão em casa, daqueles médicos ricos que chegam e deixam os filhos nas mãos da empregada, e que o filho tem alguma coisa: 'ah, esse menino TDAH, esse menino é diferente'. Tenham um pouco mais de sensibilidade, vivam mais um pouco, tem muito sub diagnóstico, tem muita criança em escola particular que a professora sabe que ele é autista, que ele tem uma condição neurológica diferente, que os pais, que as mães, rejeitam. Eu tenho um, que eu não vou citar, bem próximo à minha família, não quer aceitar. Eu tento encorajar: ele tem aspecto,

tem autismo. O meu menino tem autismo! Ryan, ele é quem diz alto: 'eu sou autista', ele não tem vergonha, minha gente, da condição dele. A gente conversa muito com ele, bota muito para assistir YouTube, assistir as coisas, do modo dele. Então que você que está assistindo agora, você que acompanhou toda essa discussão, não tenha vergonha, porque o tempo vai passar e, depois dele, o que vem é arrependimento. Não se arrependa de conhecer a condição do seu filho, de buscar um tratamento, uma convivência, porque depois vai ser tarde. E é tão ruim a gente se arrepender e não ter mais como voltar, porque o que vem depois do soneto, como dizia Ronaldo Cunha Lima, é o remendo. Muito obrigado a todos. Muito obrigado pela audiência. Boa noite." Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Dr. Jairo Carlos**: "Boa noite a todos. Cumprimentar a todos da Mesa na pessoa da Deputada Francisca. Vereador Jamerson, já é a segunda vez que eu venho aqui, e sempre eu preparo uma fala, o que é que eu vou dizer, e depois de tantas pessoas que passam pela bancada, vai mudando. Eu pensei em falar isso, mas alguém já falou ali, e eu vi uma situação diferente, eu aprendi algo diferente, e aí as falas vão mudando. Sempre quando eu ouço um depoimento como o do Vereador, que é pai, como eu ouço um depoimento de Jocely, mãe, de Susana, e de tantas outras que procuram a comissão da pessoa com autismo da OAB, procurando por orientações, passando por situações, eu me emociono. São situações, agruras da vida que aquelas pessoas, como a legislação que o senhor bem disse que é bem adiantada. A nossa legislação é avançada, o que é precisa é que ela tenha cumprimento. As crianças com autismo, as pessoas com autismo têm direito garantidos por leis específicas na nossa Constituição, só que, infelizmente, nem sempre, elas são cumpridas. E, às vezes, mães e pais procuram, pedindo orientações por direitos mínimos, que não são cumpridos. E dessa forma, com tudo que já foi falado, eu queria trazer sugestões. Inclusive, uma sugestão que eu tinha, o Comandante Esaú até se adiantou, abriu as portas do Batalhão para que os agentes de segurança pública possam receber uma capacitação, passar por uma palestra de como abordar, de como identificar uma pessoa com autismo. Eu tinha a sugestão também para o Secretário Leônidas, para que se fosse possível, ele trouxe números importantes de crescimento no atendimento das pessoas neurodivergentes, mas há pessoas que atendem o público que não necessariamente trabalham ali diretamente, como os psicólogos, como as fonoaudiólogas, mas aquele atendente que está ali para fazer uma ficha, o atendimento lá do posto de saúde, da UPA. Eu lembro de um caso, não quero me estender muito, que aconteceu esse ano, em janeiro, em Natal, onde uma mãe levou o seu filho, um rapaz de vinte anos, para que fosse atendido, ele estava em uma crise. E, infelizmente, aconteceu um incidente, de que ele, no meio da crise, a enfermeira acabou dizendo que se ele não se acalmasse, que se ele não se aquietasse, iriam trancá-lo num quarto escuro. Ora, ele estava no meio de uma crise, ao escutar isso, ele agrediu a enfermeira, e a enfermeira o agrediu. E esse incidente acabou tendo uma repercussão nacional. Então ela é uma enfermeira, é da área da saúde, mas ela não tinha o treinamento, ela não tinha a capacitação suficiente para lidar com aquela situação, para identificar aquela pessoa que estava no meio de uma crise. Então, Secretário Leônidas, eu acho que seria muito importante, se não para todos os servidores, mas que fosse feita uma capacitação, um treinamento, uma palestra, com alguma parte daquelas pessoas que estão ali na linha de frente de atendimento. Seria muito importante isso. Então, assim, depois de tudo o que já foi falado, de definições, só o que a gente pode trazer aqui são esses tipos de sugestões. Uma sugestão importante era essa da segurança pública, mas o Comandante Esaú acabou já se adiantando. E se a ASPA poder mediar também essa situação, de fazer



algum tipo de capacitação e treinamento, seria muito importante. E é importante também ter pessoas aqui na Câmara, como o Vereador Jamerson, que passam pela situação, que possa levar essa situação ao Executivo municipal. A Deputada, que possa também fazer uma mediação junto ao governo do estado, para que, assim como o Secretário Leônidas falou, que essa discussão não pode ficar só no âmbito do município, porque tem coisas que o município não pode abarcar, então que, com os representantes que a gente tem na nossa cidade, levar essa discussão ao âmbito do estado, e quem sabe chegar ao Congresso Nacional, para que essa discussão cresça. E quem sabe o município ter mais condições de assegurar o cumprimento no direito à que os autistas e todas as pessoas em todas as condições de neurodiversidades necessitam. Era só essa a minha participação, para ser breve. Agradeço a todos.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Senhor Marcelo Pereira**: “Boa noite a todos. Presidente Tide, presidente desta Casa de Leis, a quem eu saúdo os demais vereadores aqui presentes. Nossa Deputada Francisca Motta, a quem eu saúdo as demais autoridades da mesa. Wescley, presidente da ASPA, a quem eu saúdo os demais membros da ASPAA, pais e amigos. Nosso Secretário Leônidas, Secretário de Saúde, a quem eu saúdo as demais autoridades do Poder Executivo do nosso município. Minhas colegas do CAPS, CAPS adulto, CAPS infantil, CAPS AD, CER, minha eterna coordenadora, Rosângela, cidadãos de Patos. Eu sou Marcelo Pereira, educador físico do CAPS infantil, e estou aqui substituindo a nossa coordenadora, Eminaide, que está em casa se recuperando de uma cirurgia. Peço licença a todos para ler um discurso porque eu sou ruim de improvido. É uma honra está aqui hoje representando o CAPS e falar sobre um tema tão importante: ‘Autistas Crescem’. Como sabemos, a conscientização e a inclusão das pessoas do espectro autista ainda é um assunto que requer muita atenção e cuidado em nossa sociedade. No entanto, a Prefeitura de Patos está avançando cada vez mais na compreensão e valorização das pessoas autistas. E o CAPS está fazendo a sua parte. Nós criamos um projeto ‘terapeuta singular’, PTS, e nossa equipe do PTS é composta por profissionais: fonoaudiólogos, psicólogos, fisioterapeutas e por educador físico, que vos fala, exclusivamente dedicados a atender as pessoas neuro atípicas, TEA, de nível três. Acreditamos que, ao respeitar as diferenças e reconhecer as habilidades e talento de cada indivíduo, sem limitações impostas por preconceito e estereótipos, podemos ajuda-las a crescerem e se desenvolverem da melhor maneira possível. Eu aproveito para abrir um parêntese aqui no discurso, e falar que nós do PTS criamos um grupo de pais, que carinhosamente chamamos de ‘TEAcolher’, onde neste ano já nos reunimos três vezes, inclusive essa semana já é a terceira vez que estamos nos reunindo, para discutir temas, e quer queira, quer não, tentar passar um pouco do conhecimento científico para ajudar no amadurecimento dos nossos pacientes, pois nós sabemos que a saúde do pai, do responsável é tão importante quanto a saúde das nossas crianças. E essa roda de conversa será estendida, já estamos em fase de planejamento, para os cuidadores e para os membros da UBSs onde são residentes as nossas crianças. Voltando aqui ao discurso. Entendemos também que cada criança é única, com habilidades e interesses excepcionais, e devemos incentivar essas habilidades para que essas pessoas possam alcançar o seu potencial máximo. Além disso, a inclusão e acessibilidade são fundamentais para garantir que nossos futuros jovens tenham as mesmas oportunidades de acesso à educação, emprego, saúde e outros serviços básicos, sem discriminação ou exclusão. Para promover uma sociedade mais justa e inclusiva é necessário investir em campanhas de conscientização e informação sobre o espectro autista. Dessa forma, podemos eliminar o estigma e a discriminação, e promover a

igualdade de oportunidades para todas as pessoas, independentemente de sua condição. O CAPS se orgulha de estar envolvido em iniciativas que visam a inclusão e valorização dessas pessoas. Acreditamos que a inclusão e o respeito às diferenças devem ser incentivados em todas as áreas da sociedade, seja na escola, no trabalho, na família, ou em qualquer outra atividade. Autistas crescem e a nossa sociedade deve crescer e amadurecer junto com eles, para que possamos construir um mundo mais justo, solidário e inclusivo para todos. Vamos continuar trabalhando juntos para que isso seja uma realidade. Obrigado.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Senhora Edilene Medeiros**: “Boa noite a todos. Gostaria de cumprimentar a Mesa na pessoa de Francisca Motta. E também queria fazer um agradecimento aqui ao Tenente Coronel Esaú, que ele foi fundamental e essencial, há duas semanas, para todas as escolas públicas e privadas da cidade de Patos e de mais de vinte municípios, quando as escolas estavam sofrendo ameaças por fake news, que é do conhecimento de todos os pais aqui presentes. Gostaria de cumprimentar as mães e pais de autistas, em nome de Jocely. E dizer que eu me encontro fazendo uma pós graduação em autismo, e eu tive a honra de ter Jocely como minha professora, de uma cadeira que era sobre alfabetização para autistas. E se eu já era encantada com a pós, através de Jocely, Jamerson, a gente pode constatar que realmente o autista cresce, porque um ser humano como Jocely, eu gostaria de conhecer outro igual, porque ela é autista, tem dois filhos autistas, é mulher e mãe solo, ainda tem mais essa. E a capacidade intelectual de Jocely é extraordinária. Todo o material, Francisca Motta, todas as referências, não eram quase brasileiras, eram internacionais. Ela participa de cursos de fora do Brasil, diariamente, porque hoje a tecnologia permite isso. E eu posso dizer que bastava só Jocely ser professora minha na pós de autismo, porque em todas as fases ela tem autoridade, ela tem a sabedoria, o conhecimento, o estudo, a pesquisa, mas ela tem a oficina própria em casa, partindo dela mesma. E o que eu achei interessante, a gente teve uma oficina viva, porque ela começava a aula, e ela tinha uma crise de ansiedade, ela respirava e ela fazia: ‘gente, é porque é assim mesmo’. E nós fomos aprendendo ali. E eu quero dizer a vocês que na minha turma só tem mulheres, não tem nenhum aluno na pós graduação do sexo masculino. É na UNIFIP, é presencial, é a segunda turma. O que é que me chamou atenção? Primeiro que a turma é cem por cento feminina, de toda a equipe de professores nós tivemos um professor até agora, que foi o primeiro, era um psicólogo, por sinal, excelente, mas as mulheres que estão passando a cada módulo, são excepcionais, de um conhecimento aprofundado. Eu já conhecia Jocely como professora de inglês, até porque ela já teve um tempo que substituiu um professor lá na minha escola, mas essa mulher, eu acredito que na nossa cidade, ela é a maior potência que a gente tem, e que a gente tem que ouvir, porque ela tem todo o respaldo. Jocely conheceu a turma, viu a turma. E o que é que eu pude perceber pela fala do Tenente Coronel Esaú e do senhor Jairo? Eu fiz essa colocação na minha turma, fiz também para o grupo de pais da minha escola, de alunos autistas e de outras neurodivergências, sobre o desconhecimento mesmo. Nós não temos praticamente nenhum profissional que estudou na faculdade, enquanto acadêmico, não teve nenhum conhecimento sobre autismo. Nenhum médico sai do curso de medicina com o preparo. Acredito que só os psiquiatras e neurologistas, que já em uma residência, não é na formação dos seis anos. E eu digo isso por quê? Eu tenho uma filha que é médica, e na faculdade que ela estudou tinha cursos opcionais, e ela escolheu fazer libras. E ela disse: ‘mamãe, se chegar uma pessoa que eu precise me comunicar, como é que vai ser?’. Olha a necessidade, mas era opcional, onde eu acredito que deveria ser obrigatório. Se ele

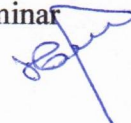
precisar fazer um socorro de emergência, e por aí vai. E o que é que me chamou atenção? Porque na minha turma tem duas dentistas, inclusive uma é mãe de autista, eu acho que ela está aqui, mas uma das dentistas disse: 'eu estou cursando porque eu estou recebendo, estou tenho uma demanda grande de autistas no meu consultório, e eu não sei como lidar', porque ela é dentista infantil. Entendeu Coronel? Aí, os psicólogos, tem psicólogo aqui? Por favor, levante a mão. No curso de psicologia, na parte acadêmica vocês tiveram uma disciplina exclusiva para autismo, sim ou não? Não! E nenhum outro curso tem. Eu acho no Curso de Pedagogia da UNIFIP parece que agora vão implantar. Porque eu vivo de receber pedagogos para contratar, e tem formação, mas quando chega lá, ninguém foi preparado para lidar com autista. E quem recebe os autistas? Escolas, médicos, enfermeiros. todo mundo vai cuidar. Os advogados. Cadê os advogados? Levantem a mão os advogados aí! Vocês tiveram no curso alguma coisa? Não! Então, eu vou dizer agora, aqui, o meu sonho. O sonho de Lili é fazer psicologia, e ela vai fazer, com certeza. Mas o meu sonho, aí eu vou olhar para a senhora, e queria que a senhora mandasse um recado para Hugo, porque pela primeira vez na história de Patos, nós temos Prefeito, temos Deputado Federal, Deputada Estadual, temos Governador, temos Senador, tem toda a hierarquia política, pela primeira vez, eu acho que na história, aqui. Então eu acho que a gente pode conseguir mais um pouquinho, não é, Lucinha? E Lucinha é a precursora da lei, que é tão moderna, tão chique. Mas o que eu gostaria, será que é possível a gente, Sales Júnior, alterar, acrescentar nos currículos dos cursos superiores uma cadeira de autismo? Para que o profissional que vai sair, ele já tenha pelo menos, uma noção. Está aí o Tenente Coronel, chegar abrindo as portas para alguém explicar, como é que eu vou lidar com autista? Não é isso? Então, é isso. Eu sei que talvez seja uma utopia, mas a BNCC, que chegou aí modernizando tudo, o novo ensino médio, que chegou modernizando tudo, será, Doutor Jairo, que não é possível ter uma cadeira sobre autismo? Imagina aí daqui a dez anos os profissionais que forem sair de qualquer curso que seja, ele entenda um pouco mais sobre o autista, que é um ser humano completo, como qualquer outro, apenas o cérebro dele funciona diferente do nosso. Somente, não é, Lili? O cérebro funciona assim, mas ele nem é menor, nem maior, nem pior, nem melhor, do que ninguém. E a gente convive no dia a dia, como professora, como coordenadora, como direção, como médico, enfim, a gente vê. Eu até digo que os autistas que eu tenho convivido são seres humanos sem malícia, são seres humanos puros, e o cuidado que a gente tem que ter é para que eles não sejam lesados, porque eles são muito naturais, entendeu Francisca? Só dar um exemplo aqui, eu tenho um aluno, que foi nosso aluno dos oito anos aos dezesseis, ele já está na universidade, é Rubens, e o diagnóstico só chegou no nono ano, mas foi como outra pessoa que falou aqui: 'tem diagnóstico que não chega nunca'. Mas a gente já sabia. A gente via nitidamente. E quando ele chegou no sexto ano, a gente viu a capacidade dele, excelente, e o escrevemos nas olimpíadas de matemática. E precisava viajar para ele fazer essa prova, e a mãe olhou para mim e disse: 'não, eu não vou deixá-lo ir não, eu tenho medo'. Eu disse: medo de que? 'Não, eu tenho medo dele ter uma crise'. Eu disse: mulher, confie na escola, ele é nosso desde os oito anos, deixe a gente levar. Aí ela confiou em mim, graças a Deus. E quando nós chegamos lá, Helena, a gente, primeiro ia almoçar, Rivânio, Equopatos, peço uma salva de palmas para ele. Eu vi o bichinho agora. Aí todo mundo foi almoçar, e eu disse: Gente, olhe, nós vamos almoçar porque nós temos que estar na Universidade Federal de uma da tarde. Então, a gente chegou lá de onze, para almoçar com tranquilidade, enfim. Aí, olhe, eu estou aqui, aí eu fiquei com ele, eu disse: vamos escolher o seu almoço, Rubens. Mostrei

tudo. Ele disse: 'não quero nada disso'. A gente sabe que o autista, na alimentação, é seletivo. Mas ele não tinha diagnóstico nenhum. Aí eu disse: então meu filho quer o que? Ele disse: 'deixe eu ver'. Aí eu o observei olhando para as placas. 'Eu quero Subway'. Aí eu disse: Rubens, Subway na hora do almoço? Meu filho, você tem que comer uma comida mais assim, assim, você vai passar quatro horas fazendo uma prova. Ele disse: 'É porque minha irmã, Estela, disse que eu só comece o que eu conhecesse. E eu já olhei todas as placas, e eu só conheço Subway'. Aí eu: ah! Estela, me ajude aqui a resolver a situação. Aí Estela foi e disse: 'meu filho, o que você conhece, você come em casa, o que é que você come em casa?'. Aí ele foi dizer: 'ah, é porque você não me explicou direito?'. Está entendendo? 'Tia Edilene, me desculpe, eu já sei o que eu quero, eu quero arroz, batata frita e frango'. Pois vai ser agora. Então, vocês estão entendendo? O comando que foi dado, ele obedeceu, certo? Eu entendi logo, eu só não podia fazer desobedecer, eu tive que fazer a irmã consertar. Então, é isso. O meu pedido é esse. É um sonho utópico, mas eu sei que não é para agora, é para daqui para frente. mas também eu quero fazer um registro, Tide. Ano passado nós estávamos aqui, Jamerson, e o que eu vi hoje aqui, Lili, foi uma assembleia bem diferente da do ano passado, com respostas, com ações concretas. O que Leudo trouxe para a gente, da estatística, o que não tinha, do que tinha, passou a ter, e de ações, essa que a senhora já trouxe. Então a gente sai daqui sabendo que são os pontapés iniciais. E fecho parabenizando todas as mães. Em especial quero parabenizar o casal que eu amo de paixão, que é Corsino, que foi meu aluno, e Elisângela aqui, que também é minha professora do curso de pós, porque eu sei que quando é na pele é diferente. Então a luta que eles abraçaram, o resultado está aí, e eu tenho certeza que Patos não se destaca só na Paraíba, mas é uma cidade que vai se destacar no Brasil todo. Muito obrigada." Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Senhora Iramilde**: "Boa noite a todos. Eu quero agradecer a ASPA, pelo convite. Desculpa a minha voz, que é assim mesmo. A minha fala hoje, como sugeriu a Jocely, um relato mais pessoal. Vou começar falando sobre o meu diagnóstico. Vou me apresentar: sou Iramilde, sou casada, sou mãe, trabalho, atualmente estou cursando psicologia. Eu vou ler, gente, senão vou embaralhar tudo o que eu tenho para falar. Por não ter atraso cognitivo e atraso na fala, por ter tido um bom desenvolvimento dentro dos padrões esperados, analisado de forma superficial, as minhas características passaram despercebidas, isso até a fase adulta. Mas, intrinsicamente, tinha o sofrimento, porque eu não entendia o que acontecia comigo, tinha muita dificuldade para socializar, conversar ou manter as conversas. Quando criança, algumas pessoas sempre me perguntavam por que eu não falava, e eu não sabia responder. Eu sempre ouvia: 'Iramilde é muito calada, séria', e os mais sinceros ainda diziam que eu era antipática, entre outras coisas. A maior dificuldade foi quando, enfim, consegui chegar à universidade, que era algo que eu queria muito, mas encontrei barreiras, por não ter diagnóstico, não tinha adaptação, mas, mesmo assim me esforcei, porque além do curso eu trabalhava, tinha casa para cuidar, sou mãe, esposa, enfim. Só que não consegui. Desse curso eu tive que desistir, acabei abandonando. E isso me trouxe uma frustração que me levou a um nível de ansiedade, que passei a ter crises diárias no trabalho. Nesse período eu estava trabalhando como profissional de apoio, como cuidadora, e por esse motivo eu me empenhei em estudar sobre transtornos mentais, porque até então, eu não sabia de nada. E na busca por esse conhecimento eu me identifiquei. Na verdade, com a convivência com as crianças com autismo, eu me via nelas. Aquele período foi muito difícil, eu tive que buscar ajuda. Aliás, em muitos momentos eu precisei de ajudar, mas tinha dificuldade para expressar. Dessa vez não deu

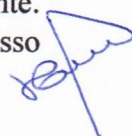
para suportar, então eu busquei ajuda no SUS, e a princípio eu fui ignorada. Algumas vezes saí pior do que quando entrei, porque eu criei certas expectativas quando eu busquei ajuda, mas a realidade foi outra. Então, mais uma vez, veio a frustração. E um certo dia, foi assim o estopim, eu estava no trabalho e eu tive uma crise de choro que eu não conseguia me conter, então eu liguei para uma amiga, e ela resolver me levar para uma clínica particular, e a partir daquele momento eu comecei a fazer terapias com psicóloga, e a psicóloga me encaminhou para um psiquiatra. E foi um processo longo para estabilizar. Eu estava num nível de desorganização mental que eu achava que não teria mais volta. Talvez o meu caso seja mais um que corrobora para uma pesquisa científica, que adolescentes e adultos com autismo, não diagnosticados, podem apenas ser notados pelos sintomas de depressão e ansiedade. Ainda em processo de tratamento, eu busquei, novamente, passou todo aquele período, e novamente eu tive que buscar o SUS porque bancar um tratamento particular não dava mais. Então novamente eu tive que buscar o SUS, e dessa vez eu fui encaminhada para um psiquiatra, que teve um olhar mais humanizado, e juntamente com a psicóloga que me acompanhava já há algum período, veio o diagnóstico: transtorno global do desenvolvimento, é o autismo. Então, como foi a importância do diagnóstico? Provavelmente vocês vão ouvir de algum adulto diagnosticado tardiamente que o diagnóstico foi libertador. E é exatamente isso. É exatamente esse sentimento que a gente sente. Encontramos respostas para perguntas que antes não havia. A mim, o diagnóstico de certa forma trouxe mais qualidade de vida, porque me entendo mais e consigo explicar mais sobre os meus comportamentos que possam considerar inadequados. Também me trouxe a oportunidade de novamente ingressar num curso superior, onde espero permanecer, que é uma das coisas que me causa medo é não conseguir permanecer. Como já foi falado anteriormente, no Brasil, como a Jocely falou, é 0,05% dos estudantes do ensino superior são diagnosticados com autismo, e ainda 73% desses são homens. Então, assim, é bem difícil. E ainda mesmo como o diagnóstico, eu ainda encontro barreiras, limitações, falta de adaptações. Tem também a questão do trabalho. Na questão do trabalho, ter o diagnóstico e não ter o diagnóstico, ambas são situações desafiadoras, porque quando se tem, acontece a discriminação e a capacitação, e quando não tem, tem a falta de adaptação, aquela questão do tratamento. Então como fazer o tratamento de ansiedade, depressão, se você não tem o diagnóstico, se você não tem um respaldo? Então são dificuldades que a gente encontra. São inúmeros os desafios, e por esse e outros muitos motivos, que tem a questão também que no IBGE, 85% dos autistas estão desempregados, como anteriormente a Jocely já falou. Isso se trata de pessoas capacitadas. Eu mesma nunca consegui um emprego depois de uma entrevista de trabalho, porque a gente vai muito mal nas entrevistas. Isso eu falo sem o diagnóstico, também já fiz provas, e a prova escrita a gente passa legal, mas quando vai para a entrevista, é uma negação. Então com o diagnóstico tem essa questão de facilitar isso. É isso. Eu fiz uma fala bem breve, mas deixo aqui minha fala para que vocês saibam que, sim, autistas crescem e as limitações continuam, as dificuldades permanecem.”

Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Italo Gomes**: “Boa noite a todos. Quero saudar a Mesa Diretora na pessoa da Presidente Valtide. Uma saudação especial, que na noite de hoje prestigia essa audiência, nossa Deputada Francisca Motta. Bem-vinda, Deputada, a esta Casa! Quero cumprimentar os vereadores, na pessoa do Vereador Jamerson. Cumprimento os presentes, na pessoa da minha amiga, ex- Vereadora desta Casa, Lucinha. Comentava com o Vereador Jamerson que a nossa amiga Lucinha, ex-vereadora do parlamento patoense, foi pioneira em trazer

o debate sobre autismo para a cidade de Patos. Então eu peço uma salva de palmas para essa grande mulher. Se Patos hoje, Vereador Jamerson, tem uma legislação muito atualizada quando se trata de autismo, tem a participação da ex-Vereadora Lucinha. Eu acredito que Patos, no estado da Paraíba, é uma das cidades mais avançadas quando é para debater autismo. As pessoas, Elisângela, Corsino, meus cumprimentos, aos pais autistas, a imprensa. A cidade de Patos, eu acredito que é uma cidade que discute tão bem essa pauta. E quanto eu estou feliz, Vereador Jamerson, em estar aqui na noite de hoje, saindo de uma das audiências mais produtivas que a cidade de Patos tem, é quando é a audiência anual que esta Casa desenvolve. O ano passado eu fui o autor do Requerimento, este ano a Vereadora Tide foi a autora. Então assim, é uma pauta que esta Câmara tem abraçado, ano após ano. E quão feliz estou em saber, todos falavam aqui e eu ali, naquele lugar, o tempo todo notando o que a cidade de Patos já avançou. É importante dizer que a causa autista, assim como outras pautas, quando os anos vão passando, a coisa vai ficando mais séria, Edilene, e precisa de adaptação e precisa de ajustes. Nós sabemos que cidade de Patos tem sim, avançado, e avançado muito no que diz respeito a atender as necessidades dos autistas. Tem cidades que não oferece o mínimo existencial, como o Secretário Leônidas trouxe. E a cidade de Patos oferece. Hoje nós temos um CASP, claro, com uma fila de espera, que eu acabei de dizer aqui que diariamente sai diagnósticos. Nós sabemos que todos os dias saem diagnósticos de crianças autistas. E vou bem além, o tema da audiência deste ano, o tema sobre autismo, Elizângela, é: os autistas crescem'. Pessoal, Coronel Esaú, eu acredito que tem quase cem pessoas hoje aqui na Câmara, e quantas pessoas existem no meio de nós que é autista e não sabe? Quantos adultos que estão aqui participando da audiência e são autistas e não sabem? Não tem diagnóstico, porque o tema não foi um tema debatido com tanta seriedade, lá atrás, como está sendo nos dias atuais. E aí, Vereador Jamerson, sobre a legislação, que é o que nos compete enquanto Poder Legislativo, eu tenho algumas leis no nosso município que contemplam os autistas. E aqui eu peço um tempo para dizer algumas coisas que na cidade de Patos nós já temos avançado no que diz respeito parlamento. E enquanto Vereador, eu devo essa satisfação ao povo de Patos. Hoje nós temos na cidade de Patos a semana do autista, nós temos na cidade de Patos a Lei que garante a carteira de identificação do autista. Nós temos na cidade de Patos, de autoria do Vereador Sales, a Lei que garante a vaga de estacionamento para autistas em estabelecimentos públicos e privados. Nós temos na cidade de Patos a ASPAA, que eu quero parabenizar pelo trabalho. Nós temos na cidade de Patos uma subvenção, que inda é muito pouco, é claro, mas que ajuda no trabalho que essa associação tão séria tem desenvolvido em Patos. Eu acredito que não tem uma instituição que desenvolva um trabalho sobre autismo com maior afinho, com maior determinação, com maior atenção do que a ASPAA. Nós sabemos que é uma associação que tem prestado um serviço, a Patos e região, diferenciado. Nós temos na cidade de Patos uma legislação que cria o dia do orgulho autista, que é uma lei de minha autoria, no dia dezoito de junho, anualmente o dia do orgulho autista em Patos, que é uma Lei Municipal. Nós temos na cidade de Patos uma Lei Municipal que versa sobre a sessão de cinema adaptada para pessoas autistas. Então o Parlamento de Patos tem feito a sua parte. Nós temos legislado sim leis importantes que beneficiam os autistas. Então essa é uma prestação de contas do Poder Legislativo da cidade de Patos. E enquanto Vereador deste município, eu devo esse esclarecimento na noite de hoje. Nós sabemos, como muito bem falou o Secretário Leônidas, a representante da Secretaria de Educação, a Senhora Rivânia, que a demanda é diária, mas que na noite de hoje nós já saímos e vamos terminar

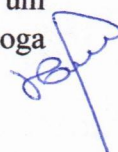


se assim Deus nos permitir, com grandes avanços já tragos na noite de hoje, e com planejamentos de coisas que vão melhorar ao longo dos dias. Leônidas trouxe aqui, números, que a gente sabe que os acontecimentos têm acontecido, e aqui eu quero levar os meus cumprimentos a Rosângela, ela sabe o quanto eu já dialogue com ela no CER sobre essas terapias. É uma demanda porque a terapia do autismo não é uma coisa que vai ali, faz dez sessões e para, mas são terapias constantes. E essa fila não anda exatamente porque não deixa de ter a demanda, o paciente faz as dez sessões, mas ele precisa fazer mais dez, mais dez, e assim vai. Nós sabemos isso é uma constante. Então Leônidas trouxe números que nos animam, que nos traz uma esperança em dias melhores. A Senhora Rivânia, que estava aqui, nós sabemos que a educação pública da cidade de Patos dispõe de profissionais de apoio que ajuda no aprendizado de nossas crianças. E é pioneiro, porque na rede particular talvez não tenha essa estrutura. A rede pública dispõe hoje de um profissional de apoio para cada criança que tem a sua necessidade. Então isso é algo muito importante. Nós temos serviços que estão à disposição da cidade de Patos e do povo patoense que melhora a qualidade de vida. Claro, é muito pouco, Vereador, eu sei. É pouco e precisa aumentar, mas precisamos também estar entusiasmados com por entender que Patos tem a avançado. E aqui, Deputada Francisca, eu dirijo os meus parabéns a Senhora por estar na Assembleia lutando pela instalação do CAA (Centro de Atendimento ao Autista). Nós sabemos que é um centro que vai vir para Patos ajudar nessa demanda de terapias. Vai resolver? Não! Não vai resolver, é preciso mais. Porém, eu quero aqui agradecer a senhora por sua luta. Eu tenho acompanhado as vezes que a senhora esteve junto à Secretária Pollyanna, Secretária de Estado, junto à Secretária Helena, do nosso município, tentando viabilizar esse instrumento, que vai melhorar, e muito, a qualidade na cidade de Patos, no que diz respeito ao atendimento ao autista. Nós sabemos que esses centros funcionam com parcerias, e na cidade Patos nós temos ASPAA (Associação dos Pais e Amigos dos Autistas), que pode ser uma associação que a senhora, enquanto deputada, pode levar a Secretaria de Desenvolvimento Humano, para esse trabalho seja feito em parceria com ASPAA, porque acredito no sertão, se não me falha a memória, Sousa, eles trabalham em parceria com FUNAD. Então pode sim ser mediada uma discussão para que essa parceria seja feita exatamente com a ASPAA. Então é algo que encaminho e peço a senhora que leve na bagagem de luta, que eu sei que a senhora é uma deputada aguerrida, que tem trabalhado diuturnamente. O que a senhora tem feito em basicamente em quatro meses de mandato, teve situações em Patos em que deputados não fizeram em quatro anos. Meus parabéns! A cidade de Patos tem que ser prioridade, Francisca. Nós sabemos que João Pessoa, Campina já dispõem de CAA, e por que não Patos? Patos é referência no Estado da Paraíba, no sertão da Paraíba. E aqui na cidade Patos nós dispomos de profissionais a altura para desenvolver um trabalho de alto nível. E todas as vezes que eu tenho a oportunidade de esta nesta Casa e a participar de uma audiência, eu fico analisando o que já avançamos das audiências passadas, o que eu deveria e o que eu devo falar na atual, e fico tentando entender o objetivo principal de uma Audiência Pública no parlamento, porque aqui é a casa do debate, aqui é a casa a onde as pessoas trazem as suas demandas, e aqui estão os vereadores para dialogar com o poder público e intermediar ações que realmente que venham a trazer qualidade de vida ao nosso povo. E na noite de hoje eu quero comemorar a sensibilidade, Coronel Esaú, em seu nome e toda Polícia Militar, que o senhor se despois, aqui, a abrir as portas do seu Batalhão, para que os seus comandados possam aprender sobre autismo. É importante. Eu conversava com o senhor, quantos policiais não têm filhos autistas em suas casas. Isso



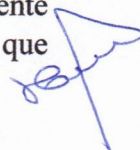
é um avanço. Nós temos avanços na Secretaria de Saúde, Secretaria de Educação, ou seja, representando o Poder Executivo. E nós já tivemos não de hoje o anúncio, por parte da Deputada Francisca, da instalação do CAA. Então, Vereador Jamerson, antes da audiência terminar, nós já podemos comemorar frutos dessa discussão de alto nível, de um debate produtivo e que vai trazer para a cidade de Patos avanços que serão incalculáveis. Muitos avanços, muitos avanços. E eu encerro a minha fala, porque ainda tem oradores na noite de hoje, e a hora já está muito avançada, com uma frase, que na saída de casa pra participar daquela caminhada, que eu e Vossa Excelência estávamos lá, abrindo o mês de conscientização do autismo, uma frase que marcou, e marcou muito a minha vida. A frase é a seguinte: O AUTISMO NÃO É UM DESASTRE, O DESASTRE É O PRECONCEITO E A NÃO ACEITAÇÃO. Muito obrigado, Senhora Presidente.”

Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Senhora Kaliandra Vasconcelos**, psiquiatra do CAPS adulto: “Boa noite a todos. Como os demais falaram aqui, eu tinha preparado todo uma cronologia, mas tudo na vida é um aprendizado. Como outras pessoas passaram por aqui e colocaram, e eu tirei do discurso de cada pessoa e, como nosso dia a dia e a peculiaridade e a individualidade do que poderia ser falado, principalmente a gente pensando nessa proposta desse ano em relação ao tema ‘autistas também crescem’. E pra quem não me conhece, o meu nome é Kaliandra Vasconcelos, faz três anos que estou à frente do CAPS adulto e do Programa ‘A Mente’, no Frei Damião, programa ambulatorial que trata de transtornos mentais moderados. Sou uma defensora, de bandeira, da saúde mental, eu tenho um irmão esquizofrênico, e quando a gente na pele da gente, como foi colocado aqui, alguém que a gente amo muito, e que a gente sente no olhar do outro a discriminação, a exclusão, a falta de empatia, uma palavra hoje que a gente usa tanto, entretanto não é colocada muitas vezes em prática, doe também na gente. E pensando na perspectiva de quando a campanha começou, e iniciou com o tema: ‘autistas também cresce’, eu sempre me perguntava, e a primeira pessoa que falou aqui hoje aqui: ‘quando você pensa no autismo, o que lhe remete?’. E há várias situações. E eu sempre me indagava, apesar de ter a formação na psiquiatria, mesmo assim pra gente que vivencia o dia a dia, principalmente numa colocação de um CAPS adulto, ainda é uma realidade que era distante, ou seja, não é mais distante. hoje em dia o CAPS adulto tem uma equipe multidisciplinar, nós estamos nos reestruturando também de situações de pandemia, sempre buscando está aberto pra o novo, pra o que se vem, e aí Jocely, acho que foi essa semana ou a semana passada buscou o CAPS, fez uma visita a Sandra, e eu estava atendendo, não estive a oportunidade de conversar com ela. Com Wescley a gente bateu um papo bem rapidinho, só um oi, essa semana, e eu fiquei extremamente contente de receber essa visita, por quê? Eu podia está falando de protocolo, de instrumentos de diagnósticos, mas como eu cheguei aqui, eu tinha algo preparado e já se foi falado, queria pedir pra vocês e comunicar que o CAPS, os serviços de saúde mental aqui de Patos, o CAPS infantil a gente sabe que tem tudo um processo, que existe um processo para se chegar a um diagnóstico do espectro, e se trabalhar de acordo com níveis. E quando esse paciente cresce, como é que é? As lutas, como ele sente na pele a exclusão, o ser diferente? ‘Eu não me sinto fazendo parte, eu não consigo trabalhar porque na entrevista eu não vou bem, deu eu me sentir sempre o esquisito’. ‘Nos relacionamentos interpessoais de não conseguir uma namorada e ficar só, e aí eu começo me excluir’. E geralmente vem associar sim a outro transtorno. E eu digo a vocês, no CAPS adulto, hoje, eu tenho quatro, que foram com muita alegria diagnosticados lá, através da equipe, e eu sou só um pedacinho dessa equipe. Esses diagnósticos vieram realmente multi, onde a psicóloga




sentou comigo num estudo do caso, e disse: 'doutora, eu percebi uma dificuldade de relação interpessoal, uma pessoa extremamente inteligente, culta, que eu, às vezes, tenho dificuldade na terapia da linguagem rebuscada que ele usa, eu fico intimidada com a situação'. E esse paciente inicialmente foi pra terapia, foi pra psicóloga, depois que ele foi pra mim. Porque se eu sou excluído, se eu me sinto ansioso pra falar em público, a gente vai trabalhar com um diagnóstico diferenciado, entretanto tem determinadas situações que pra gente também, como médico, profissional da área de saúde, é novo. E esse momento aqui ele serve pra nós profissionais de saúde, médicos, psicólogos, enfermeiros, quem está ali naquela equipe, que a gente abra os olhos. Muitas vezes a gente fala de guideline; eu tenho aqui o guideline, que diz isso e isso, mas eu preciso adequar meu guideline a realidade que eu tenho. Eu não posso falar de paciente de Alzheimer e fazer estimulação cognitiva desse paciente, onde esse paciente está ali, na enxada, no campo, então minha realidade é diferente. Eu prefiro prescrever, falando em outros tipos de situações, uma medicação que ele tenha, que não seja a primeira linha, mas que ele vá poder ter e usar, do que: 'eu não tenho dinheiro pra comprar, eu vou encontrar e eu ficar aqui'. Então eu preciso das mãos, que a gente sabe que falhas existem, mas que o importante é que a gente esteja aberto pra isso aqui, pra escutar e tentar entender o outro, e como eu posso ajudar. Como é que a gente pode fazer? Esse paciente, quando ele sair do CAPS infantil, que o paciente do CAPS infantil não passa mais por um fluxo de espera, esse paciente, com diagnóstico, ele automaticamente é transferido. E como é que a gente pode fazer pra nós tenhamos algumas mudanças em relação a que seja um atendimento em um dia mais tranquilo? Qual é necessidade do adulto? Preciso mais da psicoterapia, o que é que eu preciso? Então vamos estudar, vamos sentar. E o que é que vocês podem trazer pra mim. Às vezes nem sempre chega com esse diagnóstico pronto, principalmente quando é adulto, e não chega também até só ao CAPS, apesar de ser a referência. Eu tive uma experiência no ambulatório, no Frei Damião, e quem me trouxe o paciente foi a esposa. E por quê? Ela uma profissional da área de saúde, entretanto, a percepção do outro, ele tem dificuldade em afeto com o filho, ele tem dificuldade nessa troca de socialização. 'Se eu vou pra uma festa, doutora, eu quero que ele vá. E chega lá ele fica calado'. E a gente começou a fazer uma troca de conhecimento, que, pra mim, foi muito proveitoso, desse olhar diferenciado pra que eu pudesse também levantar cada vez mais, aguçar a minha percepção de quem estava recebendo. Então eu quero deixar aqui claro, e que fique aberto a todos, que o serviço do CAPS II, como o serviço AMINTE, nós estamos de braços abertos pra receber, pra acolher. Eu gosto do que eu faço, porque provavelmente eu tenho na minha família alguém, e que doe aqui, quando eu entro no supermercado de mãos dada com ele, e todo mundo para pra olhar, e acha estranho. Muitas vezes dá vontade de soltar a mão e sair dando voadora em todo mundo. E é assim. Então quando eu vejo algum paciente meu, que é tratado de forma diferenciada, doe dentro da minha alma. A luta aqui é pra inclusão, pra que a gente consiga que os nossos pacientes, que os nossos diagnósticos de espectro autista possam ir muito além do que foi lá. No infantil eu tratar habilidade social, vou ter um PTS direcionado para aquela situação, mas no adulto não. Esse paciente já passou por tanto processo de transformação, tanta dor, que ele chega: 'não quero, me trataram assim, fizeram isso'. Ele tão carregado com essa dor, que a percepção da gente, o primeiro olhar: 'é uma depressão'. Mas não é minha gente, é na alma, é de você escutar. A semana passada a gente fechou um diagnóstico de um paciente, atendido inicialmente pela psicóloga, mas era um relato que eu sai sensibilizada que chegou a doer na alma, porque a sensação de inutilidade que eu

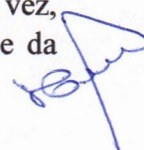
senti e sem ter o que fazer, sem ter o que dizer, sem poder acolher, parecia tudo o que ele passou ali invalidava. Uma pessoa extremamente inteligente e com um potencial incrível. Então aqui, hoje, todo mundo veio, trouxeram números, trouxeram propostas, e a minha proposta é exatamente essa, que a gente possa crescer juntos e a gente tentar construir o que não foi construído em relação a protocolo, a instrumentos de diagnósticos adequados a nossa realidade. E quando vier o centro, que venha e que tenha profissionais capacitados. A gente tenta também está fazendo a capacitação, que foi dado aqui a ideia, mas todo momento é na atenção básica, com o pessoal do SAMU, com o pessoal das UPAs, entretanto esse olhar do que Edilene colocou, será que é? É necessário a gente incluir uma cadeira nas universidades falando a respeito. Quando eu conheço do que eu estou falando, eu consigo visualizar. Então eu acho Edilene que seja uma utopia, eu acho que é uma situação que talvez demore um pouco agora, mas mais pra frente sim, a gente tendo esses debates, a gente conseguindo falar a respeito, e quando mais a gente fala a gente começa a abrir a cabeça das pessoas, porque nós precisamos, eles precisam os filhos de vocês. Eu escutei uma coisa aqui: 'eu tenho um filho autista', 'eu tenho um filho autista', 'eu tenho um filho autista', e vi vários pais aqui que, provavelmente, são autistas. A gente tem uma hereditariedade muito grande no autismo, muito grande. Então isso também é um novo aspecto, que antes talvez a gente não estivesse abrindo os olhos pra isso, mas que agora é real. Então essa proposta aqui, ela venha a crescer cada vez mais, que a gente possa sim ter pessoas cobrando, ter pessoas falando a respeito, e que vocês se sintam à vontade e de portas abertas pra gente fazer construções, como eu já coloquei, do que possa vir pra melhorar e atender Igor melhor, atender Nicole, que já com dezoito anos, na porta de entrar, de ser nossa, e o que aconteceu eu e a gente consiga não anular, porque é a história de vocês, é uma história de luta e de conquista, mas que a gente consiga melhorar e transpassar isso, cada vez mais melhorando de geração pra geração. Boa noite. Foi um prazer estar aqui." Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra Amanda Tamires: "Primeiramente gostaria de desejar boa noite a todas as pessoas aqui presentes. Eu vim representando o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia (IFPB) do Campus Patos. E nos foi perguntado qual o tipo de serviço de atendimento que o NAPS faz, e aí eu retomo à campanha 'os autistas crescem'. Essa era uma reflexão que a gente fazia no início de dois mil e vinte dois, que foi quando nós recebemos o primeiro estudante com diagnóstico de autismo. E aqui foram faladas muitas coisas, coisas que estavam nos pontos que eu elenquei para a minha fala, e uma delas é a dificuldade de uma disciplina que aborda a temática dentro dos cursos superiores. E essa é uma reclamação dos docentes do Instituto, que não sabem lidar com o aluno com autismo. Outra fala foi a necessidade na área da saúde, a dificuldade desse atendimento, e é uma reclamação dos nossos estudantes dentro do Instituto. E a gente percebe a diferença no avanço do estudante que faz o acompanhamento e da estudante que não faz esse acompanhamento, e que está nessa fila gigantesca que foi relatado aqui também. E uma prática que a gente vem tendo desde o início de dois mil e dois, quando a gente sentiu a dificuldade, e eu trago como um acompanhamento de todas as dificuldades que foram apresentadas, a literatura. A literatura também é muito voltada para a infância. E aí quando a gente recebe uma aluna no curso de engenharia civil, a primeira aluna autista do campus a entrar no ensino superior, a gente pensa: o que fazer agora, diante de uma equipe que é multidisciplinar, mas que também traz uma carga formativa voltada para a infância. Então a gente começou a partir de uma prática que a gente faz já com outros estudantes, o de ouvir. E hoje a gente parou aqui pra ouvir vários relatos, várias experiências, vários profissionais. E é o que



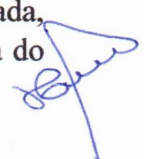
tenho a dizer, que a gente pare pra ouvir mais. Foi através dessa escuta ativa com os nossos estudantes que a gente consegui desenvolver trabalhos com os docentes, a partir de processos formativos, a partir de materiais para que esses professores aprendessem sobre as características, sobre o trabalho em sala de aula, sobre as adaptações curriculares e das avaliações de forma geral. Enquanto Instituto que trabalha com ensino médio, técnico e superior, hoje temos dois alunos. Infelizmente, por motivos pessoais, a aluna do curso de engenharia acabou desistindo, mas temos alunos no Ensino Médio e Integrado em Edificações E Informática. E essa escuta ativa é o que tem feito a diferença, tanto no processo formativo, tanto no relacionamento entre os estudantes, e como o Campus de maneira geral. Temos também servidores autistas, que têm contribuído bastante com esse processo, de acessibilidade de materiais, de inclusão de forma efetiva em sala de aula. Então é isso. A minha fala já foi amplamente contemplada com as experiências aqui compartilhadas. E é importante lembrar sempre, autistas crescem, eles estão dentro das escolas municipais, estaduais, nos institutos federais e nas universidades. Então a gente precisa repensar as nossas políticas públicas e o atendimento dentro desses âmbitos. Obrigada.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Senhora Larissa Medeiros**: “Boa noite a todos. Quero cumprimentar a mesa das autoridades, cumprimentar todos os profissionais de saúde, que eu enxergo aqui alguns, e todas as pessoas que estão aqui presentes, especialmente quem estiver acompanhando pelas mídias sociais. Eu me chamo Larissa Medeiros, sou psicóloga, hoje estou atuando no Núcleo de Desenvolvimento Infantil, o NDI, que foi mencionado aqui, da Secretaria de Educação. Mas hoje vim a convite da ASPAA, e foi um convite inusitado, porque eu trago pra vocês, talvez pela primeira vez, uma pessoa que vai fazer duas representações, uma enquanto psicóloga. Quero sim contribuir e trazer minhas colocações relacionada ao autismo, mas também enquanto esposa. Então acredito que pra vocês talvez seja a primeira que vocês estão lidando, conversando, dialogando e ouvindo a esposa de um autista. Ouvimos aqui uma autista que falou que é casada, ouvimos pais de autistas, mas eu sou esposa de autista. Então, acredito que é a primeira vez que vocês estão diante da esposa de um autista. E quando se fala em autismo, com certeza a gente lembra das crianças, mas, especialmente, quando se fala autismo, precisamos lembrar dos adultos. Então eu falo aqui em representação do meu esposo, Francinaldo Pereira de Oliveira, que hoje trabalha, constituiu uma família, mas com muita dificuldade. E é por isso que enquanto psicóloga eu venho falar da importância do diagnóstico, esse diagnóstico tardio. Falar sobre a importância das subnotificações de diagnóstico do autismo. Então não enxergamos o autismo como epidemia, de que de repente começou a surgir o autismo. Não! Se vocês querem saber onde os autistas estão, vocês precisam entender que eles crescem. Então onde é que estão os autistas? Vemos a preocupação de lidar e cuidar com as crianças, então nós falamos sobre o CER, nós falamos sobre o CAPS infantil, foi mencionado aqui alguns números sobre CER, sobre CAPS infantil, foi mencionado inclusive a NDI, onde eu, com muita felicidade, faço parte da equipe multiprofissional, que sim foi um ganho pra população, porque acaba tirando das margem das listas de espera aquelas crianças com TDH, e abre espaço pra de fato sejam contempladas as crianças autistas, que é um dos públicos alvos de sair do SER e do CAPS infantil. Mas, enquanto esposa, eu quero falar de tão difícil é a realidade de um adulto subnotificado, sem diagnóstico. Muitas vezes por que a cultura não permitiu, a cultura de não cuidar da saúde mental, que nós vemos nos arrastando ao longo de trinta anos, mas, graças a Deus, depois de Paulo Delgado, quando ele implementou os CAPS, e trouxe a população de



saúde mental das ruas, pra lutar a favor saúde mental, trouxe o usuário e lutou contra os manicômios. Então, Paulo Delgado, lá em mil nove centos e oitenta e sete, quando começou essa luta, foi ele que deu oportunidade pra vocês famílias estivessem aqui hoje. Mas eu gostaria de fazer um convite à sociedade pra estar aqui e estar em todos os ambientes, falando sobre o autismo, porque eu sinto muito quando a gente chega em um momento como esse e eu só vejo o poder público, porque é obrigação, e os familiares. Então não espere que tenha um autista dentro de sua casa pra poder você poder vir pra rua, vamos lutar por essa causa de inclusão, porque falam muito em empatia e em inclusão, mas, às vezes, eu me pergunto: será que de fato essa pessoa ele está entendendo o que é inclusão? Porque existe uma coisa chamada integração. Então a gente pega a pessoa com autismo ou com outro transtorno do neurodesenvolvimento ou deficiência, e integra na sociedade, solta lá e diz que está cumprido e que está assistindo aquela pessoa. Não, você não sabe o que é inclusão. Inclusão é você adaptar pra aquela realidade daquela criança seja assistida. Inclusão é enxergar o autista na sua totalidade, não somente cuidar da saúde mental, que eu percebi que aqui nós falamos muito sobre a saúde mental, foi citado alguns profissionais, que bom. Mas precisamos enxergar o autista, que especialmente hoje estamos falando sobre o autista, como um indivíduo inserido na sociedade, e que precisa ser enxergado na sua totalidade, desde lá do PSF. Uma das exigências que nós gostaríamos de fazer aqui, e eu, em nome da ASPA, era de que essas capacitações e essas qualificações sejam inseridas desde a porta de entrada do serviço de saúde pública, porque o meu autista que está no CER, ele também está no PSF, ele também está na escola e ele também está na cultura, no esporte, no lazer, enfim, em todas as dimensões de que os famosos típicos são bem assistidos. Então onde é que está a política pública para o autista, no lazer, no esporte, na cultura, porque ele é um ser completo. O autismo não vai definir a pessoa acometida pelo autismo. Então a importância de serviços qualificados, e eu me sinto muito feliz de ter ouvido aqui números, falamos aqui sobre burocracia, sobre números e sobre o que Patos vem ganhando. E eu sei que muitas vezes alguns profissionais e até gestor público sentem uma inquietação do tipo, quanto mais eu faço, mais eles pedem. Acontece que quanto mais você faz, mais os números aumentam, então é por isso que nós pedimos, porque, infelizmente, nós vivemos em uma sociedade em que as pessoas que precisam de um cuidado da saúde mental, elas vivem à margem das listas de espera. E se formos falar sobre o autismo nível I de suporte, esse sim é que está à margem da lista de espera, porque muitas vezes ele é interpretado como uma pessoa que está só procurando chamar atenção. Quando, na verdade, a gente sabe que 80% (oitenta por cento), da população da pessoa acometida com autismo, no caso de pais, o autismo é genético, hereditário, onde estão esses pais? E os outros por centos? Nós sabemos que estudos revelam que outros fatores externos podem estar contribuindo. E quando se fala de genética, não necessariamente é hereditário, de repente pode vir lá de outro lado do mundo. Acontece que os estudos revelam que é genético. Então onde é que vocês enxergam os autistas, crianças que vocês tanto falam e que tanto cuida, onde vocês estão enxergando-os, nesse momento? Será que o CAPS adulto tem suporte pra receber esses autistas? Eu sei que têm profissionais de excelência, eu sei que muita mãe fica em casa desacreditada, esperando respostas de Deus, mas a resposta de Deus está aqui, minha gente, são os profissionais de saúde. Então o que eu peço é vocês se qualifiquem e façam um bom uso desse lugar de instrumento de Deus na vida dessas pessoas, especialmente na vida das famílias, porque, mais uma vez, estamos falando de autista, e aí foca no autismo na criança. Eu trago a realidade da




importância do diagnóstico na vida adulta, porque traz muitos prejuízos, quando aquele adulto fica em estado de negação, por que ninguém quer ter transtorno não, minha gente, é muito difícil, a gente nascer e esperar ter um transtorno. A gente almeja tudo, menos o transtorno. Eu já estou desacreditada, eu já em estado de negação, porque muitas nem eu mesma admito aquilo que estou evidenciando, aí eu procuro um profissional de saúde, que desvalida o que eu estou levando pra ele? Porque eu não pareço ser autista, o famoso autista nível um de suporte? Então a subnotificação ainda é mais gritante nessa apresentação do nível um de suporte. Então eu peço encarecidamente aos profissionais, o poder público que está aqui, faço também esse apelo, que leve essa realidade a nível de estado, de federal, porque nós entendemos sim o município de Patos está sim, assistindo de alguma forma esse público, mas nós precisamos de mais, porque a cada dia aumenta esse número. E vai aumentar ainda mais, porque hoje nós temos estudos suficientes, critérios suficientes e profissionais qualificados, pra fazer essa avaliação. Porque eu sei que cada um de vocês aqui conheceram aquele vizinho que vivia trancado dentro de casa, que recebeu a rotulação: 'o filho de fulano tá naquele quartinho trancado, porque ele é doido'. Quantos autistas, inclusive nível de suporte II e II, lá atrás, não tiveram essa nomenclatura mais específica. Mas aí vale também a gente entender que não vamos ficar esperando uma nomenclatura adequada, se é autismo e não deixa ser autismo, vamos cuidar da saúde mental e da saúde integral desse ser humano, que precisa de cuidado. Agora vou falar um pouquinho da experiência quanto esposa de uma pessoa autista. Eu reconheço alguns rostos aqui, então alguns talvez tenham ficado surpresos em entender que eu sou casada com uma pessoa autista, e outros não. Quero agradecer e homenagear inclusive, a médica psiquiatra doutora Kaliandra, que é médica do meu esposo. Doutora Candice não está aqui, mas quero fazer um agradecimento a ela, que é a psicóloga. Inicialmente, o meu marido também vivia nesse estereótipo que a sociedade colocou: e ele não parece autista não, é só chato, meio lento, meio devagar, meio ignorante, é apático, tem dificuldade, ele não gosta de ninguém'. 'É o esquisito vive trancado, e não vai dá pra nada'. E por um acaso eu o conheci, Deus o colocou na minha vida, e eu comecei a perceber que aquela pessoa que eu tinha me apaixonado deliberadamente, era diferente. E estudiosa da saúde mental já, na época, eu dizia: será possível que eu me apaixonei por um autista? E eu achava que ele tinha transtorno de comunicação social. Então com ajuda de doutor Teudas, que realizou a avaliação de um eletroencefalograma, a gente conseguiu identificar que ele tem uma má formação mesmo na área da comunicação social. Então justificou pra mim, porque o meu marido não falava. Só que ia muito além, ele tem apego a rotina, a inflexibilidade cognitiva, só que ele tem emprego, ele trabalha e tem família. Então a gente ainda tem aquele olhar de reprovação: 'esse homem não é autista não, ainda mais a mulher é psicóloga, deve estar inventando, porque está na moda'. Tem esse pensamento equivocados, com certeza. E aí o que acontece? Quando você ver minha rede social, da psicóloga Larissa, você só vai me ver no São João de Patos com meu marido. E o meu marido ele tem uma característica do autismo, que se chama hipofoco. Você pode botar um som explodindo no ouvido dele, que ele não se incomoda não, agora vá conversa dez minutos do lado dele pra ver se não se agonia. Então você vai me ver no São João mesmo, com meu marido. Você vai me ver lá na Pizzaria Nápoles, aí vai dizer: 'pia o autista que ela disse. E não é ele que tem dificuldade de interação social, de comunicação social?'. Pois é, mas eu duvido você me ver em outro lugar, sem ser a Pizzaria Nápoles, o Shopping Patos e o Recanto do Sabor, que eu já estou cansada, porque, em oito anos, foram os únicos três lugares que eu conseguir inserir na vida do



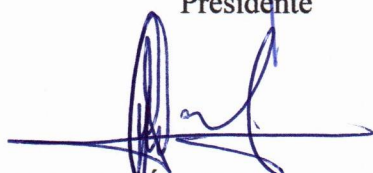
meu marido, porque, por ele, ele estaria ainda lá naquele quartinho quando eu o conheci, que eu estava achando estranho o homem, que a mãe, a minha vizinha, abria a porta pra entregar uma vasilha de comida, no chão, e uma garrafa de água. E ela dizia: 'meu filho é uma maravilha, não trai mulher, não tem namorada, não me dá trabalho, não para canto nem um. Quando era pequeno, eu botava numa cadeira seis da manhã e seis horas da noite ele estava lá. Meu filho é dez'. E eu dizia: Virgem Maria! 'Rins eram os meus outros três meninos, que chovam atrás de comer, que queriam ir pra escola'. Ela enxergava a problemática nas crianças típicas, porque de toda forma aquela criança, que nem chovia, era muito bom. Só que meu me inquietava com aquele comportamento, eu dizia: não é possível não. E como é que ele trabalha lá em São Paulo? 'Ele trabalha cortando peixe, então ele entra de onze da noite e sai de duas da manhã. Fica no quarto de duas da manhã à onze da noite. E é muito bom. Se você namorar com o meu filho, você vai bater as paradas, porque ele não vai lhe trair não, que ele não gosta de namorada, nem de mulher'. E a irmã dele dizia assim: 'tu não aguentas não, porque ele não gosta não de ninguém não, esse menino'. Enfim, esse é o meu marido. E que trabalha, é funcionário público, muitos de vocês aqui cruzam com ele todos os dias, talvez não identifiquem nenhum traço de autismo nele, e talvez identifique uma má educação, uma apatia, um rapaz devagar. 'E é um censo de superioridade, eu acho que ele é meio prepotente'. Por quê? Ele tem dificuldade de expressões faciais, de expressar as emoções, os sentimentos dele. Então, pra mim, foi um desafio muito grande esse diagnóstico tardio na vida dessa pessoa, porque quando eu o conheci ligeiramente, eu não percebi de imediato os traços, mas depois, quando comecei a conviver com ele, eu identifiquei que o meu filho, quando nós tivemos um filho, se sentia abandonado. Estava ali começando existir uma carência afetiva, porque o meu marido não conseguia expressar nenhum tipo de emoção, de sentimento. E começou ali a dificuldades, e eu fui me colocando nesse lugar: 'poxa, quantas pessoas têm dificuldade de construir relações interpessoais? Não é que meu marido é um santo, que não traia namorada não, é porque ele tem uma condição neurológicas que se faz com que ele tenha dificuldade de interação social. Então ele jamais chegaria numa mulher e paquerar com ela. Na verdade, eu era quem corria a traz mesmo, na época, fiquei ali lutando, correndo, correndo, Virgem Maria, e deu certo. Que bom que deu certo. Eu insisti nessa pessoa, e hoje ele está aí, bem desenvolvido, com a ajuda da doutora Kaliadra, que mais uma vez quero agradecer. Hoje não está com doutora Candice, já está com outra psicóloga. E eu venho falar sobre a comorbidade. Mas será que não é uma depressão e ansiedade que esse rapaz tem? A dificuldade de se sentir pertencente nesse mundo e de ser validado faz com que você não consiga lidar com as suas emoções. Então todos nós temos dificuldade de regular as emoções, que dirá um autista. Então, óbvio vai apresentar a comorbidade de depressão e ansiedade. Então, muitas vezes, o tratamento se inicia a partir da ir. E aí eu especialmente recebo nas clínicas, justamente no trabalho particular, pessoas que eu começo a tratar depressão e ansiedade, e a gente de repente identifica que é um diagnóstico camuflado, que é um autismo ou até um TDH, que também é transtorno do neurodesenvolvimento, também sofrem na margem das listas de espera, porque é dito como aqueles transtornos mais leves. E aí eu vou repetir aqui a fala de Lili: 'levo pra quem'. Porque quando você ver o meu marido lá na Pizzaria Nápoles comigo, ele não te cumprimentar não, mas vai responder o seu cumprimento, mas quando chegar em casa ele vai ter uma ressaca social e uma descarga sensorial que só eu e meus filhos sabemos. Então você vai ver, e espere ver os autistas nas ruas, mas tenham uma sensibilidade de saber se eles não tiveram um

tratamento adequado e um diagnóstico bem feito, vai prejudicar ainda mais as relações dessas pessoas. Então eu peço encarecidamente a cada profissional aqui, que aceite esse lugar de instrumento de Deus, de resposta na vida das pessoas, quando estão desacreditadas com os serviços públicos. Isso não é uma crítica ao serviço público não, eu entendo essa realidade, do tipo, a gente já faz, eu estou mostrando números. Acontece meu caro, que aumenta a cada dia. E é isso, é sobre isso. Então eu quero agradecer a atenção de todos vocês, a participação. Quero agradecer a oportunidade de estar aqui participando e falando sobre a importância do diagnóstico tardio, ser feito o quanto antes, bem feito, com profissionais capacitados, a inserção dessa pessoa com totalidade em todas as áreas, não somente cuidar da saúde mental, porque, quando chega no mês abril, acaba só focando na saúde mental. Quando, na verdade, nós precisamos cuidar da totalidade dessa pessoa, e especialmente, pra encerrar a minha fala, da família. Qual é o cuidado que vocês estão tendo com a família? Porque é muito fácil chegar aqui e falar sobre autismo, a gente tem quem dá intervenção para o autismo, do fonoaudiólogo para o autista, psicólogo pra o autista. E aquela mãe, esgotada em casa, vocês estão lembrados que ela está sobrecarregada, com o olhar de reprovação da sociedade, porque além dos padrões que a sociedade estabelece, a mulher ocupa um lugar que todos aqui conhecem, de desigualdade e de luta, por causa de uma cultura estabelecida. Mas me respondam vocês, quando engravida qual é a primeira coisa que seu vizinho ou que seu irmão diz: 'que venha com saúde'. Todo mundo reconhece essa fala? 'Que venha com saúde. Coisa linda!'. E quando você não consegue alcançar a expectativa da sociedade, porque o seu filho não veio com saúde? Então se coloque no lugar dessa família, e cuidem também dessas famílias. Então, assim, o meu pedido hoje é: cuidem das famílias, porque elas estão sobrecarregadas e cansadas do olhar de reprovação da sociedade. Eu agradeço a atenção e me despeço." Não havendo nada mais a tratar, agradecendo a presença de todos, às vinte e duas horas e quarenta e nove minutos, a Senhora Presidente deu por encerrada a presente Audiência Pública.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 26 DE ABRIL DE 2023.



VALTIDE PAULINO SANTOS
Presidente



MARCO CÉSAR SOUZA SIQUEIRA
1º Secretário "Ad hoc" / 2º Secretário